



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I- CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE HISTÓRIA**

CARLOS FERREIRA DE ARAÚJO JÚNIOR

**A HORA DA VINGANÇA: ASTÚCIA E EXPERIÊNCIA ANARCOPUNK
NAS CIDADES DE CAMPINA GRANDE-PB E JOÃO PESSOA-PB.
(1988-2006)**

CAMPINA GRANDE – PB
2010

CARLOS FERREIRA DE ARAÚJO JÚNIOR

**A HORA DA VINGANÇA: ASTÚCIA E EXPERIÊNCIA ANARCOPUNK
NAS CIDADES DE CAMPINA GRANDE-PB E JOÃO PESSOA-PB.
(1988-2006)**

Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, para encerramento do componente curricular e conclusão da graduação em história.

Orientadora: Prof.Msc. Vanuza Souza Silva

CAMPINA GRANDE – PB
2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

A663h

Araújo Junior, Carlos Ferreira de.

A hora da vingança [manuscrito]: astúcia e experiência anarcopunk nas cidades de Campina Grande-Pb e João Pessoa-PB (1988-2006) / Carlos Ferreira de Araújo Júnior. – 2010.

65 f. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2010.

“Orientação: Profa. Dra. Vanuza Souza Silva, Departamento de História”.

1. Anarquismo. 2. Punk. 3. Movimento da juventude. I. Título.

21. ed. CDD 335.83

CARLOS FERREIRA DE ARAÚJO JÚNIOR

**A HORA DA VINGANÇA: ASTÚCIA E EXPERIÊNCIA ANARCOPUNK
NAS CIDADES DE CAMPINA GRANDE-PB E JOÃO PESSOA-PB.
(1988-2006)**

Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, para encerramento do componente curricular e conclusão da graduação em história.

Aprovada em 16/12/2010.

Vanuza Souza Silva

Prof. Msc. Vanuza Souza Silva - UEPB

Orientadora

Patrícia Cristina de Aragão Araújo

Prof. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo - UEPB

Examinadora

Emeson Tavares da Silva

Prof. Esp. Emeson Tavares da Silva – UNIOESTE-PR

Examinador.

AGRADECIMENTOS

Jael Bandeira, Josilene, Renato Maia, Rogério Nascimento, Maurício Remígio, Junior Torto, Pablo Ramires, Charlie Curcio, Emerson, Thelma, Derek, Yuriallis Bastos, Onã Araújo, Bergson Freire, Lucas Altamar, Ebenezer, Eduardo Barbosa, Sheilla Cesarino, Breno, Oton Araújo, Emanuelle, Karlla Amanda, Carlos, Joel, Vanuza, Patrícia, Deise, Bruno, Alexandre, Adriana Soares, Rosa.

Há um bicho de sete cabeças

Na minha sanidade

Chamado liberdade.

LUCAS ALTAMAR.

RESUMO

Este trabalho procura analisar algumas práticas e idéias anarquista dos punks nas cidades de Campina Grande-PB e João Pessoa-PB, entre os anos de 1988 e 2006 procurando identificar as rupturas e astúcias produzidas pelos anarcopunks através de bandas, fanzines, coletivos e indivíduos na sociedade capitalista e competitiva. Foram nossos interesses específicos: O momento da adoção do anarquismo pelos punks e bandas. Quais práticas e idéias, as táticas e as astucias, elaboradas pelo anarcopunks contra a sociedade capitalista competitiva? Como o contato com os princípios libertários subverte antigos valores do indivíduo e recriam novas praticas? Buscamos suporte teórico em pensadores como Michel de Certeau, Michel Foucault, Gilles Deleuze e Hakim Bey, identificados com propostas pós-estruturalistas e anarquistas, neste caso Hakim Bey. O método é análise de discurso baseado na arqueologia de Foucault. A coleta de dados foi feita através de consulta a uma bibliografia específica, além de fanzines punks, panfletos anarquistas e punks, cartazes e entrevistas e conversas com militantes e “ex” militantes anarcopunks . A elaboração deste trabalho nos permitiu entender que com a adoção de muitos punks pelo anarquismo fez com que a cultura punk passasse a ser uma manifestação também política e ética aliada ao fator musical. Que a partir dos princípios libertários os punks vão elaborar uma série de táticas e práticas como a criação de coletivos, fanzines e gravadoras independentes autogestionárias que serão criadas a partir do questionamento da lógica da empresa, da qual nos fala Deleuze, que é intrínseca a sociedade capitalista. Que os princípios libertários do anarquismo estão presentes na constituição de si destes indivíduos que são atraídos pelo discurso anarquista, aplicando sobre si princípios libertários que vão influenciar escolhas e ações na vida destes indivíduos.

Palavras-chave: Anarquismo, punk, Campina Grande-PB.

ABSTRACT

This work aims to analyze some practices and ideas of anarchist punks in the cities of Campina Grande and João Pessoa - PB, during the period between the years 1988 and 2006. It tries to identify the disruptions and cunningings produced by anarcho-punks and by the bands, zines, collectives and individuals in the competitive capitalist society. Its specific interests were: the moment of anarchism's adoption by the punks and bands; what were the practices and ideas, tactics and cunningings, prepared by the anarcho-punks against the competitive capitalist society? How the contact with libertarian principles subverts the old values of the individual and recreates new practices? We seek theoretical support in thinkers such as Michel de Certeau, Michel Foucault, Gilles Deleuze and Hakim Bey, identified with poststructuralist and anarchist proposals, in this case Hakim Bey. The method is the discourse analysis based on Foucault's archeology. The collect of the data was done through consultation with a specific bibliography, plus the punk fanzines, anarchist and punk pamphlets, posters, interviews and conversations with anarcho-punks militants and ex militants. The preparation of this work has enabled us to understand that the adoption of the anarchism by many punks turned the punk culture into a also political and ethical expression combined with the musical factor; that from the libertarian principles, the punks will prepare a series of tactics and practices such as the creation of collectives, fanzines and self-managed independent record labels that will be created from questioning of the company logic, which Deleuze tells us, that is intrinsic to society capitalist; that the libertarian principles of anarchism are present in the constitution of these individuals themselves, who are attracted by anarchist discourse, applying libertarian principles to themselves, what will influence choices and actions on these individuals lives.

Keywords: Anarchism, Punk, Campina Grande-PB.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	08
2.	DE SHAKESPEARE AO CRASS.....	10
2.1	Histórias sobre o Punk no Brasil e no Mundo: contextos.....	14
2.2	Punk e Anarquia.....	20
3.	PUNK NO PLANALTO DA BORBOREMA E NO LITORAL PARAIBANO.....	26
3.1	Punk no Planalto da Borborema: Campina Grande –PB.....	27
3.2	Punk no Litoral Paraibano: João Pessoa – PB.....	29
4.	ANARQUISMO PUNK.....	32
4.1	Anarquia punk.....	33
4.2	Estado e Micropoder.....	35
4.3	Experiência de Si e Anarquia.....	36
4.4	Anarquia e Sociedade do Controle.....	41
4.5	Gigs, Distros e Coletivos.....	42
4.6	Parresia Punk.....	47
4.7	Os Zines.....	50
5.	CONCLUSÃO.....	58
	REFERÊNCIAS.....	59
	ANEXOS.....	63

INTRODUÇÃO

A primeira vez que ouvi falar algo relacionado ao punk foi através da minha família. Minha mãe e minhas tias, quando relembavam seus tempos de adolescentes, sempre me falavam de dois irmãos chamados Nildo e José que moravam no mesmo bairro do Roger em João Pessoa-PB no início dos anos 80. Elas diziam que os dois eram meninos quietos até o dia em que foram viver na cidade de São Paulo e, após um tempo, voltaram de lá “punks”: cabelos vermelhos; muito magros; cheios de “pregos” e alfinetes na cara; roupas rasgadas e sujas. A palavra “punk” sempre era pronunciada quase que com nojo por elas.

Chegando à adolescência comecei a me interessar por bandas e artistas “diferentes” daquilo que meus amigos gostavam: rock brasileiro dos anos 80 e alguns artistas dos anos 70. Muitas dessas bandas dos anos 80, como Legião Urbana e Titãs, sempre declararam em entrevistas que tinham influências punks em suas letras e em suas músicas.

Depois tive contato com outras bandas punks de diversas posturas e percebi que o punk não é um rótulo que se resume a música ou a visual, mas também uma filosofia de vida que é adotada por muitas pessoas, influenciando as escolhas, orientando práticas e fazendo com que seus adeptos subvertam e repensem valores e ações em si próprios. Palavras constantes como anarquia, liberdade e revolução sempre apareciam nas letras punks e tinham significados diferentes para muitos desses punks.

A partir de meu ingresso na Universidade procurei por um tema que não estivesse distante da minha realidade e que fosse algo prazeroso para mim. Um tema que não estivesse na “moda” no ambiente universitário. Foi aí que pensei e escolhi o universo punk.

Minha grande questão é como os anarcopunks através de bandas, fanzines e letras diretas, pretendem romper com o mundo e a sociedade competitiva, fundados na lógica do lucro, e construir um mundo novo sem racismo, sem fascismos. O título deste trabalho foi “copiado” do nome de um zine anarquista: *A Hora da Vingança* editada nos anos 2000 em João Pessoa.

No primeiro capítulo eu procuro fazer um pequeno histórico da palavra punk e seus diversos significados, desde o tempo de Shakespeare até os fins dos anos 70 e início dos anos 80 com surgimento de várias bandas punks e anarcopunks. Ainda neste capítulo irei analisar rapidamente alguns livros que se dedicaram a contar uma versão histórica sobre o punk como o livro *O que é punk?* de Antonio Bivar.

No segundo capítulo vou fazer um pequeno histórico das primeiras movimentações punk nas cidades de Campina Grande e João Pessoa, como os primeiros eventos, primeiros punks e grupos punks.

No terceiro capítulo vou falar do anarquismo punk e suas particularidades. Idéias sobre revolução, estado, e como eles praticam o anarquismo mesclando-o com a cultura

punk e sua tentativa de romper com a sociedade neoliberal competitiva. A astúcia punk dos zines anarcopunks em meio a sociedade da informação e neoliberal.

Astúcia que é a habilidade que os homens ordinários têm de subverterem e redirecionarem aquilo que lhes é imposto culturalmente, como os fanzines punks, feitos muitas vezes de recortes de jornais e grandes revistas, que fazem circular informações e textos que não interessam as grandes editoras e grandes redes de TV.

Como os punks através dos zines subvertem a lógica das grandes editoras de revistas e redes de TV identificadas com a lógica do lucro, quando oferecem os zines informação gratuita e livre, instigando os leitores a também serem produtores. Não se preocupam com lucros, com durabilidade e com grande popularidade, mas sim a circulação de idéias libertárias e punks.

Também procuro entender a experiência de si que os punks tem com os princípios libertários. Como subvertem e reelabora suas vidas a partir dos princípios libertários que também visam a autonomia individual e coletiva, indo contra a massificação das pessoas. Como as pessoas subvertem-se a partir dos princípios libertários e remodelam suas vidas.

CAPÍTULO 02- De Shakespeare ao Crass.

Com exceção daqueles que se denominam *punks*, dos simpatizantes da música *punk*, e dos poucos que procuram conhecer um pouco mais sobre o que é *Punk*, muitos são os que evocam e ativam um turbilhão de imagens negativas e feias na mente com relação a palavra e ao indivíduo.

Não são poucas as pessoas que ao escutarem a palavra *Punk* imediatamente imaginam um indivíduo magro, com cabelo espetado, mal vestido com roupa e jaqueta pretas, coturnos, de caráter violento, geralmente drogado, sujo e imundo. Outras imagens são a do indivíduo ateu e “seguidor do diabo” para religiosos mais exaltados; marginais para a polícia; o do extremista político, no caso do anarcopunk, para a sociedade democrática; do niilista ou alienado ou utópico para muitos intelectuais da esquerda ou não, dentre outras coisas.

Estes estereótipos são introduzidos e arquivados por muitos a partir da circulação de imagens e falas negativas produzidas por determinados grupos e indivíduos, como por exemplo, a grande mídia financiada por grupos religiosos, empresas ou estatais que muitas vezes são “alvos” das críticas dos punks, principalmente dos anarcopunks. A propagação desses estereótipos sobre os punks também parte de comentários e boatos de pessoas comuns, que pouco ou nada simpatizam com o indivíduo ou o “Movimento”.

A palavra *Punk* é bem mais velha do que se imagina. De acordo com BIVAR(1988) essa palavra é muito antiga na língua inglesa, sendo um de seus primeiros registros escrito no século XVIII (Medida por Medida de Shakespeare) na Inglaterra quando era sinônimo de “prostituta”. (BIVAR, p.37, 1988).

Uma das primeiras aparições da palavra *punk* esta na obra/comédia *Medida por Medida* (*Measure for Measure* - 1604?) do poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare (1564-1616). Nessa obra Shakespeare descreve uma Viena imersa em corrupção moral e política, governada pela na intolerância e cheia de hipocrisia. Cafetões, traidores, e alcoviteiros infestavam a cidade de Viena na Áustria.

A história se passa assim: o Duque Vicentio diante da corrupção moral e da promiscuidade geral presente em toda a sociedade vienense põe em prática um plano para acabar com esta situação. Temeroso com sua reputação e também com o intuito de preservar sua imagem o duque cede o trono temporariamente ao Lorde Ângelo, homem considerado ideal pelo Duque devido a sua erudição com relação às leis e a sua frieza em aplicá-las a sociedade. Na verdade o plano do Duque, que continua na cidade escondido

disfarçado de padre é, além de observar a reação da sociedade frente ao governo do Lorde Ângelo, também vigiar a conduta dele e de seus séquitos.

Ao assumir o trono, Lorde Ângelo aplica a lei impiedosamente contra toda corrupção moral como, por exemplo, mandando derrubar todos os prostíbulos de Viena e condenando Cláudio por desonrar/deflorar a virgem Julieta antes do casamento.

Ao “voltar” para Viena o rei houve as acusações de Mariana e Isabela contra o governo e a conduta de Lorde Ângelo. Mariana tem sua credibilidade difamada pelo Lorde e por Lúcio, conselheiro do Duque e do Lorde, que a chamam de *Punk*.

Após tudo ser esclarecido e os podres serem revelados o Rei ordena a soltura de Cláudio, depõe lorde Ângelo e pede a mão de Isabela em casamento. Numa das passagens da peça há a seguinte frase saída da boca de Lucio: *My lord, she may be a punk; for many of them are neither maid, widow, nor wife.* (SHAKESPEARE, 1999, p.75). (*Meu senhor, é possível que ela seja Prostituta, pois muitas não são nem virgens nem viúvas e nem casadas.* (SHAKESPEARE, 2000,s.n) .

Em outra passagem da mesma obra quando Lucio é sentenciado a casar com uma alcoviteira. *Marrying a punk, my lord, is pressing to death, whipping, and hanging.*(SHAKESPEARE, p.85,1999) (*Casar com uma rameira, senhor, é pedir para morrer a pauladas e enforcado.* (SHAKESPEARE, 2000,s.n) .

O contexto em que a obra foi escrita, século XVI, é o de uma Inglaterra de perseguições religiosas e forte presença do estado absolutista de Jaime I, que pretendia implantar uma monarquia absoluta baseada no direito divino após o fim da Era dourada da Rainha Elizabeth I morta em 1603. Londres então, “... tornou-se o refúgio de ‘homens sem governo’ – vítimas do cercamento de terras, vagabundos, criminosos – numa escala que alarmou os contemporâneos. (HILL, 1987, p.37)

Pouco mais de um ano depois, 1606, da publicação e encenação da peça/obra a *Conspiração da Pólvora*¹ de *Guy Fawkes*² falhara numa das inúmeras tentativas de matar o rei e todos os parlamentares. (FERRER, 2006, Pag. 13)

Num artigo denominado *Origem e Evolução Semântica da Palavra Punk*, COELHO (200?) faz uma cronologia das possíveis origens e dos diferentes significados que a palavra *punk* ganhou através dos tempos. Segundo o autor além da origem europeia, derivada da palavra inglesa *spunk* “fungo de madeira” e *Punch* “classe baixa”. *Punk* passou a ser já no

¹ **Conspiração da Pólvora (1605)**. Foi um levante de católicos contra a repressão do rei protestante Jaime I da Inglaterra. O objetivo dessa conspiração era explodir o parlamento inglês durante uma sessão, em 1605, assassinando o rei e todos os parlamentares.

² **Guy Fawkes (1570-1606)**, soldado inglês especialista em bombas responsável pelo plano de explodir o parlamento inglês durante a Conspiração da Pólvora. Foi preso, torturado e morto na forca sem conseguir cumprir o plano.

período da obra de *Shakespeare* sinônimo de prostituta e *Punker* o indivíduo freqüentador assíduo de prostíbulos. (COELHO,200?)

A palavra era comum no século XVI e seria derivada de palavras como *Punch* (classe-baixa) e *Spunk* (fungo de madeira). Sua grafia era variada e comum ser grafada como *Punck*, *Punke* e *Punque* isso até o século XVIII quando as normas gráficas inglesas foram fixadas. No século XVIII na Inglaterra de *Shakespeare* a palavra era pronunciada/ usada para caracterizar/classificar pessoas consideradas, para a sociedade inglesa da época, “desqualificadas” como as prostitutas e outras pessoas “sem futuro”.

Ainda segundo o autor, a palavra *Punk* seria também oriunda ou comum nos índios *Delaware* do centro oeste dos Estados Unidos. Para este grupo a palavra PUNK significava algo próximo das palavras “cinzas” ou “poeira” e teria sido incorporada a língua inglesa adquirindo um novo sentido significando neste momento “*madeira podre*” e imprestável para queimar. (COELHO,200?)

A partir de 1869 a palavra *punk* expande os seus significados sendo relacionada a algo explosivo, inflamável como uma “*substancia que arde sem chamas*”. Daí até os anos 80 do século 20 significaria: “*pão rijo ou duro*” servido aos presidiários nas prisões do Canadá; “*homossexual passivo*” ou “*alguém moralmente condenado pela sociedade*” nos anos 70 em determinados clubes de Nova York; “*delinqüente jovem*”, “derrotado”, “esbanjador” na Inglaterra dos anos 70. Poderia ser um verbo que significaria “*desistir*” ou “*abandonar alguém ou algo*” em determinadas cidades americanas durante a década de 70.

A palavra, segundo o autor, também poderia ter um significado menos agressivo como o de “*amador*”, “*animais jovens*” ou “*aprendiz*” no universo circense. Mas também o de *punker* como “*delinqüente*” iniciante no mundo do crime nos EUA. Ligada a qualidades negativas, delinqüência e marginalidade a palavra não era permitida em Hollywood dos anos 50 e 60.

Será a partir dos anos 70 que a palavra *punk* será atribuída quase que unicamente a um grupo/movimento e a música produzida por eles. Dentro do próprio “movimento” muitas serão os sentidos e as posturas que os punks irão fazer dessa palavra. Alguns *punks pessimistas*³ iram pensar e praticar o punk como sendo uma manifestação niilista e descrente, sem o envolvimento com teorias políticas. O pessimismo, a violência e a destruição, são evocados usados de forma simplista, serão aceitos e absorvidos por alguns punks inicialmente. Uma das letras da banda *Sex Pistols*⁴:

³ **Punks pessimistas:** Punks que tem uma visão niilista do futuro.

⁴ **Sex Pistols:** banda inglesa de punk rock formada em 1975 e considerada por uns como a melhor banda punk do mundo, e por outros mais críticos, como uma farsa comercial.

Anarchy in the U.K

I'm antichrist, I'm anarchist
 Don't know what I want
 But I know how to get it
 I wanna destroy the passerby

Eu sou um anticristo, eu sou um anarquista
 Não sei o que eu quero
 Mas sei como conseguir
 Eu quero destruir transeuntes

Nevermind in The Bullocks 1977 Virgin record.

Outros, como os *street punks*, vão pensar o *punk* como algo vindo da realidade das ruas e dos subúrbios, sem a suavidade do pop e sem a inclinação política dos anarcopunks, com letras mais agressivas, por isso apreciado também por muitos skinheads, que outros gêneros punks. As bandas brasileiras *Garotos Podres* e *Vírus 27*. Numa letra desta última temos o seguinte:

Futuro Incerto

É nos subúrbios das cidades
 Onde eu vejo realidades
 Gente querendo sobreviver
 Debaixo de crueldades
 Governo não faz nada
 Ruas escuras e emburacadas
 Assaltos e estropos a mão armada
 Estilo de vida toda marcada
 Futuro incerto da criançada
 Governo não faz nada

Parasitas Obrigatórios (1986) – Vírus 27- Devil Records

Outros iram pensar o punk também como uma manifestação de caráter libertário e não apenas musical, como os *anarcopunks*. Muitos punks passam a aceitar a anarquia e os princípios libertários como orientação em ações e práticas para o punk. Aqui o pacifismo passa a ser valorizado e a destruição e violência são canalizados para determinados focos como o estado, o capital, a igreja etc. Um exemplo é a banda/coletivo inglesa *Crass*⁵:

White Punks on Hope

1.

(...) Punk was once an answer to years of crap,
 A way of saying no where we'd always said yep.

⁵ **Crass**. Influente banda anarcopunk inglesa formada em 1977. Foi uma das primeiras bandas a difundir letras e ações anarquistas dentro do punk como ocupações de prédios abandonados, ambientalismo, direitos dos animais e a criação de gravadoras independentes.

But the moment we saw a way to be free,
 They invented a dividing line, street credibility.
 The qualifying factors are politics and class,
 Left wing macho street fighters willing to kick arse.
 They said because of racism they'd come out on the street.
 It was just a form of fascism for the socialist elite.
 Bigotry and blindness, a marxist con,
 Another clever trick to keep us all in line.
 Neat little labels to keep us all apart,
 To keep us all divided when the troubles start.

Anarchy and Freedom is what i want

Punks Brancos na Esperança

(...)o punk foi uma resposta a anos de passividade,
 um meio de dizer 'não' onde sempre diríamos sim.
 mas no momento que achamos uma forma de sermos livres,
 eles inventaram uma linha divisória, credibilidade das ruas.
 os fatores qualificativos são políticas e classes, esquerdas,
 lutadores machões querendo chutar os outros,
 eles dizem que por causa do racismo foram às ruas.
 esta é apenas uma forma de fascismo para a elite socialista.
 fanatismo e cegueira, o fundamento marxista,
 outra idéia esperta de manter nós todos na linha.
 uma bela receita, de nos manter por fora,
 de nos manter divididos quando o problema começar.(.../)

Anarquia e Liberdade é o que eu quero.

Crass. Station of the crass. 1979. Crass Records

2.1 Histórias sobre o *Punk* no Brasil e no mundo: contextos.

Desde o final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) é nítido que uma “*desconfiança radical*”, segundo SANTOS (2004) assola ou renova, dependendo do ponto de vista, todas as esferas das Ciências Humanas, a Filosofia, as Artes etc. Essa desconfiança seria causada pelo *fantasma* do Pós-Modernismo.

Diverso e confuso, o pós-modernismo apresenta alguns vestígios gerais que demonstram essas afirmações: o “fim das grandes narrativas” que explicavam e davam sentido ao real (ideologias como marxismo e ideais de progresso); a era da informática/informação que faz com que a relação com a realidade/mundo seja muitas vezes mediada por meios de comunicação (computadores/mídia etc.); crise da razão que já não é mais o paradigma que tudo explica; relativismo em resposta a verdade científica. Assim, a pós-modernidade para muitos autores seria uma tentativa/resposta/vontade de ruptura com a Modernidade. De acordo com SANTOS:

a pós-modernidade se interessa antes pelo transpolítico: liberação sexual, feminismo, educação permissiva, questões vividas no dia-a-dia. Normalmente o indivíduo pós-moderno evita a militância foga e disciplinada. Ele é frio, prefere movimentos com fins práticos, nos quais a participação é flutuante e personalizada. Nada de lutas prolongadas ou patrulhamento ideológico. Ele vai na onda, nas subculturas **punk**, metaleira, yuppie. (SANTOS, 2004, p.92)

Alguns afirmam que já estaríamos em outra fase e não mais a Modernidade. Autores como Lyotard defendem essa idéia. Outros como Lipotevsky e Jameson dizem que estamos em outra fase da mesma Modernidade. O que importa é que muitos dos autores citam o punk como exemplo de indivíduos pós-modernos.

Segundo muitos, como LYOTARD, há uma descrença geral com relação aos grandes discursos, como os socialistas e os que falam sobre progresso. As transformações tecnológicas, neoliberalismo, queda da união soviética e o triunfo do Mundo Livre também são fatores que influenciam. O mercado passa a regular várias etapas das vidas, a competitividade e o individualismo se intensificam enquanto os laços sociais se perdem. Para LYOTARD *“o pós-moderno, enquanto condição da cultura nesta era [pós-industrial], caracteriza-se exatamente pela incredulidade perante o metadiscorso filosóficometafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes”* (CHEVITARESE, 2001, s.p)

Outros como JAMESON acreditam que a pós-modernidade é a lógica de outra fase do capitalismo, de consumo e multinacional. De acordo com CHEVITARESE, Jameson entende a pós-modernidade como a lógica cultural do capitalismo tardio p.01. Ainda aponta o *Punk rock* como a forma mais agressiva da arte contemporânea/pós-moderna facilmente comercializável e consumível. Para JAMESON:

Acredito que a emergência da pós-modernidade está estritamente relacionada à emergência desta nova fase do capitalismo avançado, multinacional e de consumo. Acredito também que seus traços formais expressam de muitas maneiras a lógica mais profunda do próprio sistema social. (JAMESON, 1985, p.25-26.)

Para filósofos como LIPOVETSKY, a pós-modernidade nunca existiu e nem o que estamos vivenciando é uma nova fase contrária a Modernidade. Para LIPOTEVSKY, estaríamos em uma fase potencializada da Modernidade chamada por ele de *Hipomodernidade*. O adeus as ideologias, o hedonismo, o narcisismo, a comunicação e o consumo de massa seriam fatores que expressariam essa nova realidade. Para LIPOVETSKY a modernidade foi uma fase otimista com relação ao futuro: revoluções, ideologias e tudo prometiam um futuro melhor. A partir de 50,60 e 70 que a Modernidade entrar numa nova fase da mesma Modernidade. Ao invés do futuro o presente é o que interessa.

Para LIPOVETSKY, o pós-modernismo busca a harmonia e se baseia no ecletismo cultural, com exceções de manifestações mais radicais como o PUNK. *O pós modernismo tem tendência a afirmar o equilíbrio, a escala humana, o regresso a si próprio, ainda que seja verdade que coexiste com movimentos duros e extremistas (droga, terrorismo, pornografia, punk).* (LIPOVETSKY, p 110, ?).

É nesse contexto de consumismo, de individualismo, de descrença com as grandes narrativas político-sociais, de perdas dos laços sociais que o *punk* parece surgir. Mas localizar sua origem é tarefa difícil devido aos números de versões e contestações sobre seu início, características e caminhos tomados.

Alguns livros sobre punks são bem conhecidos como *Please Kill Me* (Mate-me, por favor!) escrito por Larry "Legs" McNeil e Gilliam McCain; *The Philosophy of Punk: More Than Noise* (A Filosofia do Punk: Mais do que barulho.) de Craig O'hara. Com relação à cena punk brasileira temos *O Que é Punk?* (1982) de Antonio Bivar; *Movimento Punk na Cidade: A Invasão dos bandos Subs* (1986) de Janice Caiafa; *Punk: anarquia planetária e a cena brasileira* (1999) de Silvio Essinger; *Cenas Juvenis: Punks e Darks no Espetáculo Urbano* (1994) de Helena Ábramo; *Os Fanzines Contam uma História do Punk* de Antonio Carlos Oliveira. Não pretendo neste trabalho identificar a verdadeira origem do punk ou qual das suas versões é a melhor. Por isso fico com uma passagem da Janice Caiafa sobre o punk afirmando que a "sua potencia é surgir do nada."

Com relação a cena no nordeste e na Paraíba encontrei poucos materiais como um pequeno artigo chamado *Anarco-punk no Nordeste* de Rogério Zeferino, o livro *O Movimento Anarco-Punk* de Vantiê Clínio C. de Oliveira e a monografia *Partidários do Anarquismo* de Yuriallis Fernandes Bastos, dentre outros.

A versão considerada "clássica" e mais difundida sobre o surgimento do punk é aquela que pretende determinar seu aparecimento em 1977 em Londres na Inglaterra com o lançamento do disco *Nevermind The Bollocks* do grupo inglês "Sex Pistols", considerados sabotadores ou inventores do *punk*, conforme as diferentes versões e opiniões.

Para muitos fãs dessas bandas e da geração *punk 77*⁶, o inglês *Sex Pistols* junto com o grupo americano *Ramones* e o grupo inglês *The Clash* formariam a "tríade sagrada" do *punk*, inventando e divulgando tudo aquilo que se conhece sobre *punk*. O ano de 1977 seria o ano do advento do *punk* sendo a Inglaterra o berço do Movimento *Punk* exportando o som punk para todo o mundo, da fria Finlândia até a "turma" da capital federal Brasília (*Aborto*

⁶ **Punk 77.** Termo usado para se referir a geração de bandas punks formadas nos meados dos anos 70. Para os punks que gostam dessa geração, o ano de 1977 é considerado o ano do punk, devido ao lançamento do disco "Never Mind The Bollocks, Here's The Sex Pistols" ("Abaixo aos idiotas, aqui estão os Sex Pistols"), tido como clássico absoluto por seus admiradores.

Elétrico, Legião Urbana, Plebe Rude etc.). Assim, a banda *Sex Pistols* e a vida conturbada do seu baixista *Sid Vicious* seriam a essência, modelo e filosofia do fazer e ser punk.

Outros livros como *Please Kill Me* deixa a entender que o punk teria surgido ainda nos anos 60, com a banda *Velvet Underground* financiada e produzida pelo artista plástico *Andy Warhol* (1928-1987) ⁷. Essa banda destoaria das outras bandas por conter mensagens e atitudes diferentes daquelas dos *Hippies*, como falar sobre sadomasoquismo, viciados e outros temas “pesados” para a época.

As primeiras manifestações do *punk* no Brasil de acordo com o livro de BIVAR⁸ (1988) aconteceram em São Paulo. Em São Paulo o *punk* surge no final dos anos 70 e os primeiros registros em vinil datam dos primeiros anos da década de 80, não contando as fitas gravadas de forma bastante caseira e de áudio precário que já circulavam antes desses vinis. Bandas como Inocentes, Cólera, AI-5 e Condutores de Cadáveres seriam uma das primeiras bandas *punks* do Brasil.

Já em Brasília, por volta de 1977, o punk chega para muitos garotos de famílias mais abastadas, como Renato Russo e o sul-africano André Pretorius, através de discos importados de das cenas inglesas e americanas. Muito ajudou o fato de muitos desses garotos serem filhos de embaixadores ou morarem fora do Brasil, facilitando a obtenção de materiais como discos e fitas. As primeiras bandas de Brasília são o Aborto Elétrico, Plebe Rude e Blitz 64.

Durante os anos 80 o punk surge em vários estados e regiões do Brasil. No Rio de Janeiro surgem a partir de 1982 bandas como o Coquetel Molotov, Eutanásia e Descarga Suburbana. O documentário *Punk Molotov* (1984) João Carlos Rodrigues demonstra o cotidiano, as idéias e as musicas da banda.

De acordo com SANTOS (2006), no Nordeste surgem bandas como Alcatéia Maldita e Gatos Lúcidos (RN), Serviço Sujo e Sala 101 (PE), Homicídio Cultural e Trem Fantasma na Bahia, e nos fins dos anos 80, orientados pelo anarquismo, surgem a Discarga Violenta (RN-PB), a banda C.U.S.P.E (PB), e a Disunidos (PB).

Nos anos 90, outras manifestações *punks* como *riot girls*⁹, Queercore ou *homocore*¹⁰, *straight edges*¹¹, anarcopunks, *street punk/OI!*¹², *skinheads*, se tornam grupos/estilos bem

⁷ **Andy Warhol** (1928-1987). Pintor, cineasta e mentor da banda americana *The Velvet Underground*. É considerado o maior expoente da Pop Art.

⁸ **Antonio Bivar** (1939). É um escritor e dramaturgo brasileiro. Autor do primeiro livro sobre punks no Brasil *O Que é Punk?* (1982). Além disso, é autor peças teatrais como *Cordélia Brasil*.

⁹ **Riot Girl**: movimento do iniciado ainda em fins dos anos 80 e visível nos anos 90 em Olimpia EUA. É considerado por MARTINS e SERELLA como o terceiro momento do feminismo pag.33. Usam a musica punk e os fanzines como armas no combate a exploração da mulher como objeto sexual e contra padrões impostos pela moda.

mais definidos tanto no visual como nas letras distanciando-se da confusão ideológica de muitos dos punks nos anos 80.

O fim do “movimento *punk*”, ou pelo menos dessa geração de *punks*, conhecida como *geração 77*, deveu-se ao fato de que grupos *punks* foram sendo absorvidos por grandes gravadoras e pela lógica do mercado tornando-se mais “acessível” e mais pop. Outro fator para o “fim” do movimento *punk* seria a morte do baixista *Sid Vicious* integrante da banda *Sex Pistols* tido como ícone e “*modelo-de-vida-punk*”. Foi a partir daí que muitos autores e simpatizantes do movimento declararam a morte do *punk*. Mas não foi bem assim. Nos anos 80 o *punk* se diversifica, criando subgêneros como iremos ver mais adiante.

A versão de que o *punk* teria nascido na Inglaterra e que o grupo *Sex Pistols* teria sido o inventor do *Punk* esta presente em obras como *O Que é Punk?* do escritor brasileiro *Antonio Bivar*, escrita de forma romântica no auge do nascimento de muitos grupos *punks* em São Paulo. Não estamos cobrando uma “versão verdadeira” ao se “criticar” a obra de Bivar, mas de questionar alguns pontos desta obra que por muito tempo foi uma das únicas sobre o surgimento do *punk* no Brasil.

Para o autor esse contexto de miséria cultural e de opressão causava pessimismo e falta de sentido gerando o *Punk*. BIVAR defendeu com “paixão” toda a movimentação do *punk* em São Paulo, chegando mesmo a organizar/idealizar eventos como *O Começo do Fim do Mundo*¹³ em 1982 e a publicar textos em zines como o *Factor Zero?* (1982) Ou o *1999* (1983). No Brasil afirma que o *punk* surgiu a partir de São Paulo com bandas como *Cólera*, *Restos de Nada*, *Inocentes*, *Ratos de Porão* e *Olho Seco*.

Lançada pela popular série *Primeiros Passos* da editora brasileira, BIVAR busca mostrar nesse livro que os punks são como herdeiros de grupos contra culturais anteriores,

¹⁰ **Queercore:** de acordo com a revista O GRITO: O Queercore é filho do punk, um braço do estilo que resolveu caminhar pelas ruas gays da música. Protesta, grita, é pesado e muitas vezes sujo como punk, mas gay em suas letras e atitudes. Considerado mais que apenas um movimento musical, o Queercore é considerado um movimento social e cultural que teve início em meados da década de 80 e mesmo sendo um movimento gay, preferiu (ou foi obrigado) a ficar afastado das rodas gays e lésbicas da época. <http://www.revistaogrito.com/page/blog/2007/08/06/queercore/>

¹¹ **Straight Edge.** Movimento surgido em 1980. Seus adeptos se caracterizam por preferirem um estilo de vida livre de drogas lícitas como o álcool e o cigarro, e drogas ilícitas, como a cocaína e a maconha. Seus admiradores adotam o X como símbolo do movimento Straight Edge. Na cidade de Campina Grande-PB, a maioria dos *Straight Edges* frequenta a Igreja Bola de Neve, popularmente conhecida como a “Igreja dos rockeiros”.

¹² **Oi!** A expressão inglesa *Oi!* Tem o mesmo significado da saudação *Oi* em português. No contexto punk, é o nome que se dá a vertente tradicionalista do punk rock que é contrária a suavização do punk rock, como na vertente pop punk ou new wave, e a vertente anarquista do punk, por considerá-la ideológica. Sua proposta é de um punk rock cru e agressivo, dito realista, por isso mesmo admirado também por skinheads.

¹³ **O Começo do Fim do Mundo.** Festival punk organizado pelo escrito Antonio Bivar ocorrido entre os dias 27 e 28 de novembro de 1982 no SESC Pompéia na cidade de São Paulo. Participaram 20 bandas da capital e do ABC paulista com a principal finalidade de unir forças entre os diversos grupos punks de todas as cidades envolvidas.

como os *beatniks*¹⁴. Talvez tenha sido a primeira e única obra nos anos 80, de alcance nacional e feita por alguém influente na arte, a abordar de forma positiva o punk, já que as notícias sobre punks veiculadas eram sempre relacionadas à violência.

Porem muitos punks, principalmente os libertários, criticam essa obra por idealizar por demais o movimento *punk*, construindo heróis/mitos como *Sid Vicious/Sex Pistols*, além de defender atitudes consideradas “fascistas” e violentas pelos libertários como, por exemplo, nessa passagem em que BIVAR afirma que:

“Existem punks que se ficam duas semanas sem brigar mostram-se tensíssimos. Eles não provocam, mas se alguém insinua uma provocação, sai de perto que a mesa vira. Brigam pelo prazer de brigar, uma necessidade adolescente e masculina de exercitar a musculatura em formação.” (BIVAR, 1988, pag. 107)

Bandas como o grupo *Olho Seco* que possuem letras de caráter xenofóbico com relação aos nordestinos aparecem na obra de Bivar como heróis. Isso se deve ao fato de que a obra de BIVAR escrita em 1982 no auge dos primeiros *punks* aqui no Brasil, não acompanhando os desdobramentos e rupturas dentro do *Punk*, como por exemplo, a aproximação de muitas bandas citadas nessa sua obra com idéias xenofóbicas, relacionadas ao imigrante nordestino, como a banda paulistana *Olho Seco*. Em uma de suas músicas do seu disco *Botas, Fuzis e Capacetes* de 1983, temos a seguinte mensagem:

Nada

Não se pode mais andar pelas ruas de São Paulo
Vivo esbarrando nesse panos da calçada!
E Você o que vocês estão fazendo sentados atrás dessa mesa?
E Você o que vocês estão fazendo sentados atrás dessa mesa?

Nada, nada, nada, nada...
Nada, nada, nada, nada...

Você deveria proibir a migração do povão
A Praça Princesa Isabel já virou clube de camping

Olho Seco. Botas, fuzis e capacetes. 1983. Independente

No livro *Please Kill Me (Mate-me Por favor!)* os autores deixam a entender que o *Punk*, mesmo que timidamente, teria surgido já no final dos anos 60 nos Estados Unidos e não com o *Sex Pistols* na Inglaterra. A história é construída a partir de várias entrevistas de

¹⁴**Beatnik.** Movimento cultural surgido nos Estados Unidos na década de 50 quando jovens cansados da vida materialista da América pós-guerra resolveram viver de forma nômade, escutar de jazz, procurar por religiões orientais e falar abertamente sobre sexo e drogas em seus poemas e livros quase autobiográficos.

“punks” famosos como *Dee Dee Ramone*¹⁵, *Iggy Pop*¹⁶ entre outros, ordenadas cronologicamente desde os fins dos anos 60.

Os trajes negros, o desencanto com o *Paz e Amor dos Hippies*, letras falando sobre sadomasoquismo e drogas pesadas e não mais viagens alucinógeno-bucólicas, e os *riffs* simples já se encontrariam em alguns grupos em pleno era hippie nos anos 60, como o grupo *Velvet Underground*. Esse livro se limita a situações bizarras, experiências com drogas e confusões passando a imagem do punk como algo fútil, derivado do esquema/modelo “*Sexo, drogas e rock and roll*”.

Longe dessas versões superficiais, o punk tornou-se ainda mais multifacetado, nos anos 80, surgindo subgêneros como o *Hard Core*, o *D-Beat*, o *Crossover*, e o *Street Punk/Oi!*. Os posicionamentos ideológicos de muitos grupos ficaram mais nítidos como os anarquistas punks, punks ligados a partidos de esquerdas como o PT e os *Skinheads* ligados a idéias nacionalistas e fascistas.

2.2 Punk e Anarquia.

Em *A Filosofia do punk: mais que barulho! (The Philosophy of Punk: More than Noise)* (1992) O’HARA (2005) não procura criar ou buscar a verdadeira história do *punk*. Para esse autor cabe mais buscar discutir a origem do punk, a banda mais importante ou eleger mitos. O autor busca dar ao *punk* uma imagem mais profunda como um movimento baseado não apenas na diversão e nem fundado na descrença total, mas algo baseado em propostas positivas, fundadas e identificadas com os valores libertários do anarquismo, como a solidariedade e o antiautoritarismo.

Os anos 80, de acordo com O’HARA, é o período onde diversas bandas punks se encontram com o anarquismo passando a ler e praticar ações orientadas por seus princípios. É nesse período em que as posições ideológicas entre os punks ficam mais visíveis. Bandas como *Discharge*, *Dead Kennedys* e *Los Crudos* nos anos 90, embora amplamente desconhecidas da população em geral, são bandas das mais importantes. No início dos anos 80 a segunda onda *punk* se faz presente na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Na Inglaterra o punk se radicalizaria com o *D-Beat*, um ritmo mais rápido e pesado que o da geração anterior além de trazer letras politizadas. O grupo anarcopunk *Discharge*, por

¹⁵ **Dee Dee Ramone (Douglas Glen Colvin (1952-2002))**. Baixista da banda de *Punk Rock Ramones*.

¹⁶ **Iggy Pop James (Newell Osterberg - 1947)** é um músico de rock dos Estados Unidos.

exemplo, toca um som mais cru e seco se posicionando em suas letras contra a guerra nuclear e a devastação do planeta.

As atitudes politizadas também ganharam mais peso. Se na geração anterior essas atitudes não tinham muito valor prevalecendo a postura niilista e pessimista e o interesse comercial das bandas, a partir de 80, a postura política passa a ser fundamental devido ao ressurgimento de movimentos/ bandas neofascistas e neo nazistas como as bandas *The Exploited*, *Skrewdriver*, e como a organização fascista/nazista inglesa *National Front*¹⁷.

O surgimento do *Hard Core*¹⁸ deixou punk ainda mais veloz e radical, já que o som da geração anterior que era bem mais lento foi absorvido por gravadoras e foi domesticado por elas. A palavra *Hard Core* teria uma tradução aproximada de “núcleo duro” ou “essência bruta”. O *Hard Core* é visto como um ritmo ou como um substilo *do Punk*. Sua origem é identificada nos Estados Unidos 1979 com o surgimento de bandas como o *Dead Kenneds* e *Bad Brains*. Com o anarquismo o *punk* será pensado como algo além da sua expressão visual e musical, envolvendo posturas políticas, práticas éticas e diversão.

o punk é uma formidável voz da oposição. ‘ Nós criamos nossa própria musica, nosso próprio estilo de vida, nossa própria comunidade e nossa própria cultura... Estamos contruindo um movimento baseado no amor, agindo na esperança de que algum dia a paz possa ser finalmente alcançada. Podemos tropeçar em nossos esforços, mas lutaremos para prosequir adiante. A liberdade é algo que podemos criar todo dia; cabe a todos nós fazer com que isso aconteça. (O’HARA, 2005,p.44)

Para O’Hara o anarquismo ganhou a simpatia de muitos punks por que seria:

uma alternativa aos sistemas existentes. O que é e porque é adotado por punks no mundo todo. O fracasso de políticos “comprados e vendidos” garantiu uma contracultura receptiva à idéia de que estaríamos em melhor situação sem esses vampiros. (O’HARA, 2005,p.73)

Os anarcopunks orientados na ética e nos princípios anarquistas negaram a lógica do mercado musical das grandes gravadoras, e passaram a gravar e distribuir seus próprios discos aliando assim música a ações libertárias como, por exemplo, a participação em *Squatts*¹⁹, organização de boicotes, manifestações contra agressões ambientais e ameaças nucleares. Os temas das letras são mensagens contra a guerra, a devastação ambiental, a

¹⁷ **National Front.** Grupo político inglês de extrema-direita e racista cuja muito ativo durante as décadas de 1970 e 1980.

¹⁸ **Hard Core.** Nascido na *segunda onda* do punk no início dos anos 80, o *hard core* se caracteriza por letras engajadas, canções curtas e andamento musical mais rápido que o das bandas anteriores.

¹⁹ **Squatt.** Palavra de origem inglesa que pode ser traduzida como Ocupação. O movimento Squatt tem como finalidade ocupar casas abandonadas e transformá-las em espaços de atividades culturais, assim como a ocupação do Cilaio Ribeiro em João Pessoa-PB (1992), o Squatt Casa Viva (2005) em Natal-RN e recentemente o Toren (2010) em Fortaleza-CE,

exploração dos animais, a homofobia e o racismo. Exemplos de bandas anarcopunks são o *Crass*²⁰, na Inglaterra no final dos anos 70, e a *Discarga Violenta-RN/PB* e a *C.U.S.P.E.-PB* no Brasil a partir do final dos anos 80. De acordo com Renato Maia²¹:

Em meados da década de 80 com o surgimento do movimento anarco punk, que faz a junção da cultura punk com o anarquismo, o movimento desenvolve propostas de superação da cultura alienante e a criação de uma nova forma de relacionamento enaltecendo a individualidade e o respeito às diferenças para que exista uma convivência coletiva mais harmônica e igualitária. Dessa forma são assumidos e defendidos com veemência alguns princípios que fortalecem a cultura punk e a expõem com uma tônica totalmente libertária e libertadora. Questões como o anti-autoritarismo, ateísmo ativo, anti-sexismo/machismo, androginia/anti-homofobia, iconoclastia, irreverência, anti-capitalismo, autonomia/faça você mesmo, anti-racismo, e.t.c. (MAIA, 200?, pag. 04)

O *Street Punk/Oi!*, apreciado por punks e *skinheads*, pratica uma modalidade de punk considerada pura e realista por eles, sem os retoques comerciais e estéticos das bandas *New Wave* ou/e da politização dos anarcopunks, considerados por muitos desses punks como radical. As letras passam ter como temas as ruas, as brigas, a pobreza e muitas vezes mensagens sexistas e xenofóbicas. A grande maioria das bandas *Street Punk/Oi!* simpatiza com idéias conservadoras e fascistas, como as bandas *Virus 27!* e *W.C.H.C.* Em número bem menor há também bandas dessa vertente que simpatizam com o comunismo, como a banda *Garotos Podres*.

A cultura *Skinhead*²² também é bastante diversificada. Nascido nos anos 60 da fusão de grupos como os *Mods*²³, os *Hooligans*²⁴ e os *Rude Boys*²⁵ jamaicanos emigrados para a

²⁰ **Crass.** Banda anarco-punk inglesa formada em 1977 que promoveu o anarquismo como maneira de viver e como um movimento de resistência ao capitalismo e ao estado.

²¹ **Renato Maia.** Ativo no movimento cultura anarcopunk desde 86, participou de inúmeros coletivos, eventos, e ocupações. É integrante da banda *Discarga Violenta*, já participou de inúmeras bandas em Natal-RN e em João Pessoa-PB como a *Inexistência Divina*, *Sangrada Família*, *Todas as Desgraças do Mundo*, *Devastação*.

²² **Skinhead.** Movimento cultural originado nos subúrbios de Londres durante os anos 60 entre a classe operária. De início, eles tiveram forte influência dos *Rude Boys* imigrantes da Jamaica e as músicas que gostavam era o *ska* e o *early reggae*. Em fins dos anos 70 se interessam pelo *street punk* e grande parte do movimento passa a ser recrutada por órgãos de extrema direita como o *National Front* inglês. Hoje em dia assim, assim como o *punk*, tem várias posturas políticas e tendências musicais como os *skinheads* tradicionais que curtem *ska* e se dizem não preconceituosos; os *skinheads SHARP* (em português: *Skinheads* contra o preconceito racial); o *RASH* (*Skinheads* vermelhos e anarquistas) do Ceará que engloba anarquistas e comunistas; os *skinheads* anarquistas da *FASH* espanhola (*Federacion anarco Skinhead*). No Brasil desde os anos 80, os diversos e agressivos grupos *Carecas* como os *Carecas do Suburbio*, *Carecas do ABC* e os *Carecas do Ceará* possuem um forte sentimento anti-semita, homofóbico e nacionalistas, divulgando a violência e cometendo espancamentos e assassinatos de *punks*, *gays*, anarquistas, comunistas e imigrantes. Já os *skinheads* ligados a idéia da *White Power* (Poder/supremacia Branca) são *skinheads* identificados

Inglaterra, o *Skinhead* tradicional, apesar de seu caráter ainda violento, pouco tinha a ver com o *Skinhead* nazista amplamente difundido hoje em dia. (AMPUDIA, 2005, p.17)

Muitos dos primeiros *Skinheads* participavam de festas regada a muita cerveja e artistas jamaicanos. Mesmo assim, ainda durante os anos 60 diante uma forte crise na Inglaterra que deixou muitos operários sem emprego, os *skinheads* acusaram os imigrantes paquistaneses de roubarem seus empregos. Assim “a combinação de tédio, pobreza e frustração, levou os *skinheads* a voltarem a sua ira contra os novos trabalhadores imigrantes.” (O’HARA, 2005,p.54)

Nos anos 80, muitos *skinheads* passaram a ser recrutados por grupos neofascistas, como a *National Front* inglesa, que simpatizavam com a agressividade e o visual militar dos *Skinheads*. A partir daí o *skinhead* passou a ser sinônimo de neonazista e neofascista. Esse modelo de *skinhead* tornou-se o mais conhecido e praticado em todo mundo, inclusive no Brasil com grupos como os Carecas do ABC, Carecas do Brasil, com ramificações em todos os estados do Brasil, inclusive no Ceará com os Carecas do Ceará, e facções ainda mais radicais ligadas a *White Power*. As bandas mais “famosas” desta última vertente *skinhead* são a escocesa *Skrewdriver* nos anos 80, e no Brasil a banda *Brigada N.S* nos anos 90. O racismo está nitidamente expresso em versos como da música *Peste Negra* da banda *Brigada N.S*:

Peste Negra
 Negro, negro
 Ve se ti manca
 Cai fora do meu pais
 Levando junto o teu samba (...)

Algumas rupturas com as ideologias fascistas e o conservadorismo, fatores predominante na cultura *Skinhead*, precisam ser mencionadas. Muitos são os *skinheads* que não se identificam com as idéias conservadoras dos *skinheads* nazi-fascistas, como o patriotismo, a xenofobia, o racismo e a homofobia.

Há grupos que são adeptos do comunismo e do anarquismo, como a *R.A.S.H* com filiações no Ceará e em São Paulo, e a *F.A.S.H*. fundada em 2002 na Espanha que agrupa somente *skinheads* anarquistas que compartilham dos mesmos princípios libertários dos

as idéias de Hitler, de supremacia branca, ódio aos judeus e a mistura de raças, xenofobia e homofobia. Possuem ramificações em todo o mundo, incluindo o Brasil.

²³ **Mod.** Subcultura que teve origem em Londres nos finais dos anos 50. Eram obcecados por boas roupas e estilos musicais como jazz e ReB.

²⁴ **Hooligan.** Indivíduo ou grupo agressivo de torcedores de futebol responsáveis por tumultos e violência na Inglaterra.

²⁵ **Rude Boys.** Termo usado inicialmente os desordeiros e marginais na Jamaica nos anos 60. Na década de 70 passou a ser usado como sinônimo dos amantes do *ska*.

punks anarquistas, como a luta contra a homofobia e a o racismo. Além desses grupos politizados há aqueles que não concordam com as idéias racistas e xenofóbicas dos *skinheads* fascistas. Todos esses *skinheads* apontam a origem mestiça da cultura *skinhead*, da fusão entre imigrantes *rude boys* jamaicanos e grupos ingleses locais.

Já nos anos 90 duas novas manifestações do punk como os das *riot girls* e dos *homocores/queercore* darão outros significados/ações ao *punk*. O *homocore/queercore* iniciou-se ainda nos anos 80 a partir do zine *J.D.s* da cineasta e *G,B Jones* e do diretor *Bruce Labruce*, ambos punks. *Queercore* é uma junção dos nomes *queer* – palavra inglesa que significa “incomum” ou “estranho” ou também uma palavra relacionada a parte politizada da cultura *gay*- com o *hardcore/punk*. O grupo *queer punk* mais conhecido é o *Limp Wrist* ativa desde os finais dos anos 90 e durante os anos 2000. Bandas como a *Limp Wrist* abordam em suas letras assuntos/temas como consumismo, sexualidade, anarquismo, questões de gênero e liberdade individual. (SOARES, 2006) Enfim, o que o movimento *queer* traz para o debate será

a matriz aberta de possibilidades, as diferenças, as imbricações, as dissonâncias, as ressonâncias, as insuficiências ou o excesso de sentido quando os elementos constitutivos do gênero e da sexualidade de alguém não são obstáculos (o não podem sê-lo) para significações monolíticas. (ALTAMAR, 2007)

Já as *riot girrls* surgem como resposta a imagem predominantemente masculina no universo punk. De acordo com MARTINS e SERELLA, o movimento *riot girl* surge nos anos 90 e se identifica com uma nova fase do feminismo lutando contra a exploração da mulher como objeto sexual e vítima dos padrões femininos criados e impostos pela mídia e pela moda. De acordo com os autores, as punks feministas das *riot girrrls* aliam discursos feministas à música punk. A banda *Bikini Kill* sempre é citada como pioneira. (MARTINS e SERELLA, 2003,p.33)

No Brasil a maior representante foi a banda *Dominatrix*. Na Paraíba o coletivo *Insubmissas* de João Pessoa-PB publicou livros e outros materiais relacionados ao *wendo*, debates sobre gênero e sexualidade, zines e livros de história sobre o movimento feminista como, por exemplo, os seis volumes do livro/cartilha *Mulheres Anarquistas: o resgate de uma história pouco contada* (2002). Algumas bandas com temáticas relacionadas ao gênero surgiram na Paraíba surgiram nos finais dos anos 80 como a *Aberração Sonora* e nos anos 2000 como a *Sangrada Família*.

De acordo com a anarquista Mabel Dias do coletivo *Insubmissas* e da banda anarcopunk *Sangrada Família* “o feminismo carrega uma essência libertária, como diria a anarcofeminista, *Peggy kronegger*, ‘o feminismo respira anarquismo’ a partir do momento que se coloca contra a hierarquia, o autoritarismo, a submissão e a busca a igualdade de sexos” (LIBERTARE, 200?)

As punks anarquistas irão trazer questões e debates, que muitas vezes circulam apenas no ambiente universitário, para o movimento punk e para o público em geral. De acordo com o zine-informativo cearense ANARCOFEMINISMO essas ações e debates seriam necessários, pois *“o ambiente anarco punk ainda tem um caráter forte masculino e machista onde o ser biologicamente, culturalmente feminino tem dificuldades de convivência e de exteriorizar seus medos, desejos, anseios... Mesmo no movimento, homens e mulheres ainda são vistos e tratados pela sociedade em geral pelos seus papéis biossociais.”* (ANARCOFEMINISMO, 2004, P. 07)

Tanto as libertárias punks como o *Queer* criticam e negam o sistema de gêneros tido como uma criação/imposição heterossexual que *“como os demais sistemas classificatórios, pressupões ele próprio uma hierarquização que, ao reproduzi-la em nossas relações sociais, perpetuamos as bases que mantêm o sistema capitalista.”* (ANARCOFEMINISMO, 2004, Pag. 09)

O que pretendi mostrar aqui nesse primeiro capítulo não foi uma escala evolutiva do punk. Nem tampouco menosprezar certas manifestações do punk. Mas sim mostrar com esse pequeno histórico a complexidade do universo punk que não é um todo harmonioso, mas sim algo constantemente mutável e está longe de ser uma manifestação superficial e monótona.

CAPÍTULO 3 - PUNK NO PLANALTO DA BORBOREMA E NO LITORAL PARAIBANO.

Sobre o *Punk* na Paraíba os registros acadêmicos são poucos. O que chegou até mim foram alguns artigos e algumas monografias que abordam os primeiros anos do *punk* no estado, e desses poucos materiais apenas a cena²⁶ de João Pessoa é mais detalhada. Com exceção de um texto de Rogério Nascimento, a cena Campina Grande quase não é observada. Algumas entrevistas com integrantes e ex-integrantes de bandas leitura de fanzines e informativos foram fundamentais para a construção desse trabalho.

As obras/textos/artigos que abordam ou citam o punk na Paraíba são: A História do Rock Paraibano nos anos 80 (1998) - Fabio Queiroz; Anarco-Punk no Nordeste (1997)- Rogério Nascimento; Partidários do Anarquismo, Militantes da Contra-Cultura (2002)- Yuriallis Fernandes Bastos. Além desses registros, cartazes, relatos de anarcopunks mais experientes, releases de bandas, fanzines e outras produções nos ajudaram a construir esse trabalho.

Bandas como a Disunidos-JP (87), Desordem Armada-Jp (90), Aberração Sonora jp(90) Discarga Violenta JP-Natal (88), C.U.S.P.E –CG (88), Diarrhea-CG (89), e coletivos como o coletivo anarquista CARCARÁ, e o M.A.P, Movimento Anarco-Punk, em Campina Grande-PB, e o G.A.L, Grupo de Ação Libertária, e o M.AP. de João Pessoa-PB, promoveram palestras, passeatas e eventos libertários como os concertos contra programas nucleares, ocupações de antigos prédios públicos abandonados como a ocupação do grupo escolar Cilaio Ribeiro, manifestos contra o voto e serviço militar obrigatório.

Em Campina Grande-PB e João Pessoa-PB, a movimentação *punk* e a criação de coletivos anarquistas/anarcopunks datam da segunda metade da década de 80 e início da década de 90. Será a partir da criação desses coletivos que o contato de algumas dessas bandas, CUSPE, Disunidos e Discarga Violenta, com o Anarquismo se tomará mais intenso e sólido.

²⁶ **Cena.** É o “ambiente” punk. Cada cidade ou região tem sua cena com suas particularidades. Escrever ou falar sobre a cena de uma cidade é contar uma história sobre ela, sobre seus primeiros punks, eventos, *fanzines*, bandas punks e os espaços onde a movimentação punk acontecia ou acontece.

3.1 Punk no Planalto da Borborema: Campina Grande-PB.

Conversando com antigos punks conseguimos colher informações importantes. Muitos deles me disseram que os primeiros contatos com o *punk* foram com bandas *punks* não anarquistas como o grupo inglês *Sex Pistols*, bandas da Finlândia como o *Rattus* e bandas de São Paulo como o grupo *Cólera*. Revistas, discos e fitas *k7* chegavam às mãos desses primeiros *punks* através de amigos e correspondências.

Em Campina Grande, as primeiras bandas influenciadas pelo punk são C.U.S.P.E., *Diarrhea* e a *Antropophobia*. Conversando com integrantes e ex-integrantes da banda C.U.S.P.E de Campina Grande-PB, eles me revelaram algumas informações sobre as primeiras movimentações e indivíduos punks da cidade.

Maurício, ex integrante da banda C.U.S.P.E, afirmou que se interessou pelo *punk* por volta de 1988 nas ruas de Campina Grande-PB. Numa pequena entrevista ele revelou detalhes das primeiras manifestações *punks* na cidade:

O que era ser punk pra você e o que te atraía na cultura punk?

MAURÍCIO: O que me chamou atenção foi a possibilidade de através da musica poder falar o queríamos, tudo que não concordávamos na nossa sociedade. A música Punk foi o ponto mais forte que me chamou atenção, depois veio visual e militância política.

Como era a cena Punk em C.G? Onde vocês se reuniam?

MAURÍCIO: Quando conheci só tinha o Derek, ele usava moicano, roupa rasgada e muitos brincos. A roupa era confeccionada por ele mesmo e continha frases de protesto escrita. Eu de inicio não usava moicano, só decidi fazer em 90. Depois foi surgindo outros punks, mas nem todos usavam visual e isso era respeitado, nesse momento valorizávamos mais as idéias. Nós, eu e Derek, nos reuníamos na Praça Clementino Procópio com os *Headbangers* da época, mas logo foi surgindo outros punks passamos a nos reunirmos em outros locais como: ao lado do teatro, na casa de outros punks, e também na Praça Clementino Procópio.

Entrevista com Maurício 23-07-2009

Numa conversa com Derek, ex integrante das bandas C.U.S.P.E e *Descarga Violenta*, ele me afirmou que o seu primeiro contato com o *punk* foi quando ainda pequeno morou com seus pais em **Brixton**²⁷, subúrbio de Londres na Inglaterra em meados dos anos 70. Ele me falou que durante esse período via muitos *punks* com moicanos e jaquetas pretas em perambulando pela vizinhança. Muitos apontaram Derek como o primeiro *punk* da cidade de Campina Grande. Nesta cidade, de acordo com o próprio Derek, ele conseguia discos e fitas *K7* de bandas *punks* ou numa loja de discos na galeria do edifício *Palomo* na Rua Maciel Pinheiro, no centro da cidade, ou através de amigos de outras cidades.

²⁷ **Brixton**. Conhecido subúrbio Londrino onde residem pessoas de várias etnias e nacionalidades.

Os anos vividos na Inglaterra, em plena efervescência do movimento nesse país, vão influenciar seus gostos musicais e seu estilo de vida. Em Campina Grande-PB, nos finais dos anos 80, ele formará a banda chamada C.U.S.P.E com André, Maurício e Edvânia, na verdade uma sigla para a pergunta *Condenados Unicamente a Serem Pobres e Enjeitados?* O primeiro registro sonoro da banda chamado *Nossa Luta!* (1989) foi feito na casa de um dos integrantes da banda. Enquanto a banda tocava tudo era gravado numa fita k-7 por um micro system, sem auxílio de qualquer recurso que deixasse o som mais “limpo”.

Durante esses primeiros anos do *punk* em Campina Grande-PB, as bandas tocavam em associações de bairros, universidades, em escolas e em alguns bares da cidade, em eventos organizados coletivamente com outras bandas ou diretamente com os responsáveis pelos locais. As chamadas *Gigs* são eventos realizados por punks com que geralmente envolvem debates, exposição de zines e livros, declamação de poemas etc. Quanto aos primeiros fanzines da cidade relacionados a punks temos o *Info C.G zine*, editado por Josilene, Joseane e Thelma, e o *Nossa Luta!*, editado pelos membros da banda C.U.S.P.E. , ambos de 1989.

Essas bandas não apareciam em cadernos culturais, nem seus shows eram divulgados em rádios, televisão e jornais. Além da divulgação boca a boca, a propaganda desses eventos punks era feita através de cartazes e *flyers*²⁸ feitos manualmente que eram xerocados e espalhados por postes, muros de lojas, colégios etc. A banda *crossover*²⁹ Diarrhea chegou a tocar na décima quinta edição do tradicional evento Festival de Inverno de Campina Grande, em 1990.

Um dos primeiros eventos punks que ocorreu na cidade foi o 1º *União De Forças* em Outubro de 1988, organizado pela banda Disunidos de João Pessoa. Muitos desses eventos punks foram organizados em datas “comemorativas”, como o evento/GIG denominado *Descarnimento da América* que aconteceu em 1992 na UFPB (atual UFCG) com várias bandas punks e de metal, em resposta as comemorações dos 500 anos do descobrimento da América. Um evento punk chamado de 1º *Anti-Nuclear* com a participação de bandas de vários estados realizado no coreto da Praça Clementino Procópio em pleno centro da cidade rendeu comentários negativos em jornais da cidade. Derek vocalista da C.U.S.P.E. na época recorda que:

Foi pancadão, foi um impacto. Foi um monte de banda. Tinha banda de Maceió, banda de Natal, João Pessoa, Aracaju, Fortaleza... foi uma invasão de punk aqui, mano. A praça lotou...tinha gente demais. Um negócio novo as pessoas nunca tinham visto uma expressão daquela, uma zoada do caramba, né? Foi um impacto do caramba! Até saiu

²⁸ **Flyer.** Panfletos que tem como função anunciar os eventos e *Gigs punks*.

²⁹ **Crossover.** Nome que se dá à mistura do *hard core punk* com o *thrash metal* a partir do início dos anos 80.

no jornal: show de palavrões em plena praça pública. Na matéria meteram o cacete no evento!”

Entrevista com Derek 05-03-2010.

Em Campina Grande, de acordo com o artigo *Anarco Punk no Nordeste* de Rogério Nascimento, existiram dois coletivos anarquistas: o CARCARÁ e o Movimento Anarco-Punk MAP. Este último coletivo conseguiu adquirir terras e por em prática os princípios libertários de autonomia e solidariedade. De acordo com CARNEIRO ex-integrante do MAP de Campina Grande-PB, esses dois coletivos eram bastante ativos na cidade, organizando passeatas e protestos contra o aumento das tarifas dos ônibus, debates sobre anarquismo dentre outras coisas.

Esses coletivos eram grupos de estudo sobre temas anarquistas e também centros de planejamento de práticas anarquistas, como protestos, boicotes etc. De acordo com CARNEIRO:

Conseguimos uma sala de aula num colégio estadual. O diretor da escola era amigo do meu pai e professor de História. Ele ficou fascinado quando eu disse que queria o espaço para montar um grupo de estudos sobre o Anarquismo e nos cedeu a sala, para nos reunirmos aos sábados, a partir das 15h. Conseguimos reunir um bom acervo com textos de “clássicos” como Proudhon, Malatesta, Nietzsche, Thoreau, Tolstoi, Bakunin, Kropotkin, entre outros. E mantínhamos correspondência com uma rede de “fanzineiros” que escreviam sobre Anarquismo, movimento punk e temas afins. (A Vida é Foda Blog, 2010)

Muitos punks participavam desses coletivos o que permitiu a muitos deles maior aproximação com as idéias e práticas anarquistas. Os coletivos foram a influencia maior para que essas bandas adotassem o anarquismo como orientação filosófica e política.

3.2 Punk no Litoral: João Pessoa-PB.

Em João Pessoa os primeiros punks da Paraíba surgiram a partir do início da década de 80. Algumas pessoas, inclusive da minha família, que na época habitavam o bairro do Róger, me relataram a presença de punks entre os anos de 81 e 83 neste bairro da capital.

Na monografia de BASTOS encontramos a informação sobre os primeiros anos do punk em João Pessoa a partir do relato de uma antiga militante de pseudônimo Elbara.

Ela relata que as primeiras bandas punks, como a *Disunidos*, surgiram em João Pessoa em meados dos anos 80. Os espaços para essas bandas antes da ocupação e fundação do teatro Cilaio Ribeiro eram pequenos locais como bares e colégios, além do teatro Lima Penante.

Durante seu depoimento, Elbára me destacou que neste período, antes da fundação do Teatro Ciláio Ribeiro, existiam também outros espaços onde os punks organizaram shows, como teatro Lima Penante (já mencionado), o Bar da Pólvora, na Casa da Pólvora (por trás da Igreja de Nossa Senhora das Neves), o bar Náutilus Submarinos, no conjunto Mangabeira II, além de um colégio da rede pública estadual no bairro dos Bancários. (BASTOS, 2005. p.343)

Os fanzines punks também datam da segunda metade dos anos 80. Os primeiros fanzines punks ou relacionados ao punk da cidade de João Pessoa foram o *Re-animator*, de 1987, editado por Bergson Luna, e o *Buraco Suburbano* em 1988, este sendo dedicado apenas aos anarcopunks. Nos anos 2000 os zines anarquistas como *Pensamentos Pessonhentos*, *Intimo punk estraçalhado*, *Libertare* e *A Hora da Vingança* eram zines bem mais identificados e sólidos com relação ao anarquismo.

O “movimento” nessa época seria o um grupo de pessoas que usavam o visual e a música punks, mas nada sem o caráter político do anarco-punk. De acordo com o trabalho de BASTOS nos primeiros anos, 84 á 90, o punk em João pessoa era algo disperso e estava mais ligado ao visual e a música, sem preocupações maiores com o lado “engajado” do punk, como os anarcopunks.

Desta forma, considera-se que durante este período somente existiram bandas e indivíduos punks que implementavam movimentações punks a nível cultural e musical, sem que houvesse a existência de um movimento punk coeso e organizado. Estas movimentações giravam em torno da organização de “shows” e *points* (pontos de encontros) onde o pessoal se conhecia, conversava, divulgava e trocava material punk, etc... (BASTOS,2005 p.340)

Já de acordo com BASTOS será entre 1990 e 1991 que os punks em João Pessoa vão prezar por posturas políticas e sociais mais ativas, principalmente a partir da fundação do Movimento Anarco-Punk (MAP) em João Pessoa, “*passando a aderir uma postura mais social e politicamente combativa de atuação.*” (BASTOS,2005 p.341)

No texto *Anarco-punk no Nordeste*, NASCIMENTO (199?) havia um programa na FM Universitária chamado “Jardim Elétrico” dedicado a música de bandas punks e de metal. Tempos depois esse programa passa a ser apresentado semanalmente em uma rádio pirata montada em diferentes locais para dificultar a localização. Contrariando a versão de BASTOS, NASCIMENTO afirma que já em 1988 os contatos entre anarquistas do GAL e muitos punks eram comuns. Esses encontros fizeram com que muitos punks adotassem o anarquismo como postura política e ética. A banda *Disunidos* (87) e a *Discarga Violenta* (87) eram bandas bem atuantes e ativistas na cidade de João Pessoa.

Assim, alguns membros do pró-COB souberam da realização de um show no teatro Lima Penante, organizado pela “Restos Mortais”. Neste show conheceram Jean, Renato e Tampinha da banda “Devastação” de Natal/RN. A partir deste encontro mantiveram contatos por meio de eventos e shows. (NASCIMENTO,199?)

Com relação aos coletivos anarquistas em João Pessoa temos o CAJP (1987-1990) (coletivo anarquista de João Pessoa), núcleo Pró-COB (meados de 80 até 92) e o GAL (1988) (grupo anarquista Libertários) em João Pessoa já existiam e tinham participações de punks em suas palestras, grupos de estudos, panfletagem e distribuições de mudas.

Nem todos estavam dispostos a ver e ouvir o que os punks tinham a dizer. A *astúcia* punk neste caso era necessária:

Lembro de um PROTESTO ECOLÓGICO onde a galera punk foi ingenuamente pedir algumas mudas de plantas no Parque Arruda Câmara(BICA) para serem distribuídas junto com panfletos e receberam um redondo não. Então inventamos uma Confederação Latino-Americano Pró Ecologia e conseguimos umas 200 mudas que foram distribuídas nesse protesto no centro da cidade, e muito bem aceito pela população. É que o visual punk assustava as pessoas, então tínhamos de usar de certos artifícios(no caso as mudas de plantas) pra chegar junto da população e passar nossas idéias. Mas muitas pessoas nos olhavam e recriminavam, nós garotas, no meio de uma punkarada.

Entrevista Jael Bandeira 17 de Abril de 2010.

Com os coletivos muitos punks puderam ter leituras de teóricos anarquistas famosos como Bakunin, Proudhon, Kropotkin, e de brasileiros como José Oiticica, Jaime Cubero e Ideal Perez. Além disso tiveram contato com importantes periódicos anarquistas como A Plebe e o Inimigo Do Rei. Ideal Perez em visita ao Nordeste e a Paraíba travou contato com os punks e anarquistas de João Pessoa chegando a publicar, com ajuda dos anarquistas e dos punks, no periódico A União vários artigos de caráter libertário por um bom tempo.

Uma das grandes conquistas da quais anarquistas e anarcopunks participaram foi a criação do Centro de Cultura Social em 1992 num antigo prédio público abandonado no centro da capital. O núcleo Pro-COB e os anarcopunks participaram junto com outros treze movimentos sociais na ocupação da antiga escola Tomas Mindello no centro de João Pessoa.

Os “invasores” do prédio antes abandonado passaram a usar o imóvel para atividades culturais e sociais. A partir daí surge o Centro de Cultura Social (CCS) em setembro de 1992. Essa ocupação garantiu por um bom tempo um espaço reservado às ações anarquistas e também parcerias com o Movimento Negro, punks de outros países e o GLBTT.

As ações anarcopunks durante a sua permanência na Ocupação foram a criação de coletivos como o coletivo anarcofeminista Insubmissas e a criação do selo/distro Boa Novas records. No local era comum a aglomeração de bandas como a Sangrada Família, Inexistência Divina, Pandora e Todas as Desgraças do Mundo nos fins dos anos 90 e início dos anos 2000.

CAPÍTULO 4- ANARQUISMO PUNK

Tarefa difícil é “definir” algo tão dinâmico e rebelde como a anarquia. Definir é tornar sólido, cristalizar, estabelecer. “*Definir é matar*” como disse o poeta *Stephane Mallarmé*³⁰, ele também simpático ao anarquismo. O próprio “ismo” do Anarquismo é algo não muito aceitável, embora ainda usado.

Descrever a teoria essencial do anarquismo é um pouco como tentar lutar contra PROTEU, pois as próprias características da atitude libertária e a rejeição ao dogma, a deliberada fuga a sistemas teóricos rígidos e, acima de tudo, a ênfase que dá a total liberdade de escolha, à primazia do julgamento individual, criam imediatamente a possibilidade de uma imensa variedade de pontos de vistas, inconcebíveis num sistema rigorosamente dogmático. (WOODCOCK, 2007, p.16 e 17)

Para muitos, como WOODCOCK, o anarquismo surgiu entre os séculos XVIII e XIX. Um dos primeiros indivíduos a se afirmar, de forma positiva, como *anarquista* foi *Pierre Joseph Proudhon*. Antes dele o termo *anarquista* era sempre referido a alguém de forma pejorativa e negativa, como sinônimo de destruidor, agressivo, violento, criminoso e desordeiro. Algo em estado de anarquia, para uma sociedade da disciplina da ordem e da moral como a do século XIX-XX, era algo indesejável por muitos. Assim como a palavra *punk*, *anarquista* era uma palavra/adjetivo usada geralmente para tratar/representar pessoas indesejáveis, marginais, irracionais etc. Não é a toa que muitos Punks serão classificados como tal.

No Brasil, *Mariano José Pereira da Fonseca (1773-1848)*, o Marquês de Maricá, Ministro da Fazenda de Dom Pedro I e um dos únicos Viscondes do Brasil, dedicou muitos dos 4.188 aforismos do seu livro *Máximas, Pensamentos e Reflexões*, escritos entre 1837 e 1841, a anarquia. Esta palavra aparece em seu livro muitas vezes em seus aforismos de caráter moralista não como doutrina política ou algum tipo de filosofia, mas quase como sinônimo de corrupção e de falta de compromisso com a pátria. Em seu livro encontramos frases do tipo “*quando um povo soberanizado se acostumou impunemente ao perjuro, ingratitude e traição, é difícil reduzi-lo à lealdade e obediência às autoridades supremas do Estado: a anarquia é o seu elemento predominante*”. (FONSECA, s.a, p.151)

O anarquismo conjuga uma grande variedade de princípios éticos, políticos, culturais e sociais, que não emana de uma doutrina ou livro fundante/básico, que combatem toda forma de autoridade/tiranias (não apenas o estado, mas também os micro-fascismos), toda forma de coerção, hierarquias, que causem aos indivíduos e ou a sociedade sofrimento e exploração.

³⁰ *Stéphane Mallarmé (1842-1898)*. Poeta e escritor Francês.

O anarquismo utilizou-se e utiliza-se de vários métodos para se expressar: periódicos (os periódicos operários do início do século XX e os Zines anarcopunks nas duas últimas décadas do mesmo século), pinturas, teatro (Antonin Artaud), música (não apenas o punk, mas também o compositor John Cage, o trovador Chicho Sanchez Ferlosio entre outros), poemas e poetas (Jaques Prevert), ação direta (pacíficos como greves e boicotes, ou violentas como os regicídios), acolhendo as mais variadas personalidades e figuras possíveis: ladrões, poetas , pintores, médicos, sapateiros, gays, lésbicas, camponeses, operários, niilistas, hippies, grunges, e os punks. Todos inebriados/fascinados/esperançosos pelos efeitos e consequências que os princípios libertários causavam e causam.

Muitos foram executados na forca, garrote vil, fuzilados, decapitados, eletrocutados presos, degredados, mortos em barricadas, protestos, comunas, confrontos com forças repressivas e elites em vários locais/regiões da única pátria que os anarquistas reconhecem: o mundo.

4.1 Anarquia Punk

O anarcopunk surge como um conjunto de idéias, posturas éticas e práticas libertárias, que não se restringem ao campo musical, mas que também se expandem pela esfera cultural, política e social. *Squatt*, *Splits*³¹, *fanzines*, *Gig's*³², são práticas diretamente ligadas à ética do Faça-Você-Mesmo, do inglês *Do it yourself*, do universo anarcopunk e também influenciadas por idéias do Anarquismo como a Ação Direta³³ e a Autogestão³⁴.

Será com o anarquismo que o Punk passará a ser entendido, além da música e do visual, como um estilo de vida, como uma ética fundada na solidariedade, na autonomia do indivíduo e da sociedade. Essa ética orienta desde a produção de roupas à composição de músicas; que subverte pensamentos acomodados e cristalizados; que faz o indivíduo repensar costumes trazidos de casa, da rua, da escola. Não foi apenas uma politização do punk, como muitos afirmam, mas sim uma nova maneira de pensar e praticar o Punk. Apesar de ser considerada uma manifestação de contracultura, o punk anarquista pretende também criar novas formas de saberes, de pensar e de agir, fundadas na solidariedade entre os povos de todas as cores, na extinção das desigualdades econômicas, no respeito à individualidade de cada pessoa, e na liberdade. Pensar o punk como algo contracultural é

³¹ **Split.** Coletânea que reúne duas ou mais bandas. Prática comum entre as bandas anarcopunks é dividir um disco ou um Cd entre duas ou mais bandas.

³² **Gig.** Show ou evento punk.

³³ **Ação direta.** Prática anarquista que consiste em usar métodos de reivindicações diretos como boicotes, greves, sabotagem de máquinas e danos a propriedades privadas, como no caso dos Black Blocs, com a finalidade de evitar atos abomináveis, como corte de salários, exploração de pessoas e animais, e demissões em massa.

³⁴ **Autogestão.** É quando um coletivo, país ou organismo é organizado de forma igualitária, sem hierarquias e com a participação de todos.

pensar contrário a cultura consumista, competitiva, egocêntrica e vigilante que aí esta instalada.

O socialismo real e as revoluções comunistas não importavam e nem fascinavam a grande maioria dos punks desde os anos 70. Claro que havia exceções como o grupo *The Clash* que tinha era simpático a Revolução Sandinista. Capitalismo, socialismo, democracia, cristianismo, consumismo, faziam parte do mesmo jogo e mentiras. Tímida nos anos 60 e 70, intensificada nos anos 80 e nítida nos anos 90 e 2000, “velhas” e novas formas de ativismos são praticadas: sindicatos, organizações não partidárias/não lucrativas de defesa do animal/ambiente; Black Block; Zapatistas; movimentos antiglobalização. Nas diversas manifestações do anarquismo (primitivismo, pós-anarquismo, zapatismo, etc) sempre haverá um indivíduo punk por envolvido.

Os anarcopunks não se identificam com discursos esquerdistas e tem ojeriza aos discursos de direita e democrata. *“Diferente de outras contraculturas juvenis ou burguesas, os punks rejeitam o comunismo e a esquerda de governos democráticos tradicionais, assim como o capitalismo.” (O’HARA, 2005, p.75)*

O anarcopunk não se encaixa no modelo tradicional do revolucionário ou do “militante político-social”: não se filiam a partidos políticos de esquerda e suas ações são não se resumem ao ambiente universitário e sindical. Os anarcopunks não falam de uma revolução no conceito mais conhecido e clássico da palavra.

Orientados pelo anarquismo, não pretendem mais seguir o esquema *revolucionário* clássico aquela que tem uma *“trajetória padrão: revolução, reação, traição, a fundação de um Estado mais forte e ainda mais opressivo -, a volta completa, o eterno retorno da história, uma e outra vez mais, até o ápice: botas marchando eternamente sobre o rosto da humanidade” (BEY, s.a, p.15)*

Os anarcopunks compartilham das idéias anarquistas de abolição do estado. Não só o estado, mas também outras formas de tiranias e repressão como a homofobia e o racismo. A rebeldia e arte punk esta direcionada a viver contra todas as formas de fascismos, sempre em permanente alerta antifascista.

O estado é uma questão fundamental para os anarquistas. Para os libertários, o estado deveria ser abolido e não reformado. Para anarquistas tão diferentes como Proudhon e Hakim Bey, o Estado é visto como um fator de exclusão, privilégio e tirania, e mesmo se for composto democraticamente ou através de revoluções ditas socialistas, sempre será um instrumento de coerção contra a liberdade.

4.2 Estado e *micro poderes*.

De acordo com Foucault o poder não está cristalizado em um centro irradiador, como o Estado, assim como para muitos anarquistas. Também não é algo considerado exclusivamente repressor de indivíduos e sociedades. O poder para Foucault é algo difuso podendo estar em todos os lugares e em todos os indivíduos. *A questão do poder fica empobrecida quando é colocada unicamente em termos de legislação, de Constituição, ou somente em termos de Estado ou de aparelho de Estado. O poder é mais complicado, muito mais denso e difuso que um conjunto de leis ou um aparelho de Estado. (FOUCAULT, 200?, p.45)*

Ao contrário da noção de que o poder “reprime” algo tido como *bom* em uma pessoa, o poder produz efeitos, ações e práticas diferentes. O conceito *reprimir* significa algo como uma essência boa e autônoma no homem que está sendo impedida de acontecer pelo poder tido como opressor. Foucault não busca analisar a *repressão* que o poder causa, mas os efeitos difusos e múltiplos que o poder ocasiona no comportamento, nos corpos das pessoas. Uma rede de micropoderes difundidos no corpo social.

Assim, a sociedade não é tida mais como algo coerente e harmonioso. Indivíduos e sociedades podem também compartilhar das mesmas idéias de seus governantes. *Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui. (FOUCAULT, P.45)*

Foucault assim não trabalha com noções marxistas de classes sociais ou conceitos de dominantes ou dominados, isso não quer dizer também que ele negue a existência de desigualdades ou explorações. Não a centro irradiador, pois o poder emana e está em todos os lugares. Foucault busca os micropoderes e não interessa apenas o macro:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer esse poder e de sofrer sua ação, nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. (FOUCAULT, 200?, p.103)

Na concepção anarquista o poder é geralmente identificado como algo negativo. Nas letras punks é comum constatar isso. O estado e o capital são poderes considerados autoritário e explorador.

Numa sociedade onde o estado é uma realidade considerada quase natural pela maioria da sociedade, os anarcopunks compartilhando da idéia de que o estado é um lugar de privilégio e violência, buscam a todo tempo alertar a todos sobre os perigos do Estado.

Para os Anarquistas o estado sempre foi algo não-natural e é próprio dele privilegiar certos interesses e indivíduos em detrimento de grande parte da sociedade e grupos minoritários.

Autogestão

Usando sua própria consciência
 Se auto organizando
 Sem Estado nem patrão
 Se auto organizando
 Onde nada é de ninguém
 Mas tudo é de todos
 Autogestão!

“Por hora, gostaria apenas que me fizessem compreender como é possível que tantos homens, tantas cidades, tantas nações às vezes suportem tudo de um Tirano só, que tem apenas o poder que lhe dão, que não tem o poder de prejudicá-los senão enquanto aceitam suportá-lo, e que não poderia fazer-lhes mal algum se não preferissem, a contradizê-lo, suportar tudo dele. Coisa realmente surpreendente (e no entanto tão comum que se deve mais gemer por ela do que surpreender-se) é ver milhões e milhões de homens miseravelmente subjugados e, de cabeça baixa, submissos a um jugo deplorável: não que a ele sejam obrigados por força maior...”

4.3 Experiência de si e anarquia.

Sabe-se que Michel Foucault é um estudioso de várias fases e por sua conduta teórica, não se deixa aprisionar por classificações e filiações fáceis. Mas em seus últimos livros/escritos como a História da Sexualidade volume II: uso dos Prazeres, Foucault, de acordo com muitos de seus estudiosos, como Paul Veyne, parece mudar o foco de suas análises centrando-se então na ação do indivíduo com as relações de poderes. Seria mesmo o indivíduo desprovido de qualquer “resistência” ou “autonomia” aos discursos e relações de poderes que o constitui? Ou teria o sujeito alguma ação “própria” nesse processo?

Nessa obra, esse *último Foucault*, de acordo com VEYNE, parece mostrar que, mesmo sendo constituído a partir de relações de poder, o sujeito tem certa liberdade ao participar na ação de sua constituição, controlando um pouco as relações de poder que atuam sobre ele. A essa ação é dado o nome de *Consciência/práticas de si*. A ação pela qual o indivíduo torna-se objeto de reflexão moral de si mesmo com a finalidade de aplicar ele e nele mesmo, a partir de sua própria perspectiva, determinadas práticas morais. Porém essa atitude não quer dizer que o sujeito seja *autoconsciente* como o sujeito do Iluminismo, dotado essencialmente de uma razão emancipadora. O sujeito inserido em relações de poderes e envolvido em dispositivos de poderes não aplica essas práticas do nada, mas a partir de certos códigos já prescritos, pois:

“Não existe uma ação moral particular que não se refira a unidade de uma conduta moral: nem conduta moral que não implique uma constituição de si mesmo como sujeito moral: nem tampoco constituição de si mesmo como sujeito moral sem modos de subjetivação, sem uma ascética ou sem praticas de si que as apóiem” . (FOUCAULT, 1998, p.28 e 29.)

Em sua *História da Sexualidade volume 2: uso dos prazeres*, Foucault afirma, ao estudar as praticas/conduitas sexuais gregas e latinas, que não pretende estudar apenas o desejo ou o sexo em si, mas observar:

... a constituição de si enquanto sujeito moral na qual o individuo circunscreve a parte dele mesmo que constitui o objeto dessas praticas moral, define sua relação ao preceito que respeita, estabelece para si um certo modo de ser que valerá como realização moral dele mesmo; e para tal, age sobre si mesmo, procura conhecer-se, controlar-se, põe-se a prova, aperfeiçoa-se, transforma-se.” (FOUCAULT, 1998, p. 28)

Nessa obra, o autor volta-se para as condutas sexuais dos gregos e latinos. Os gregos possuíam uma conduta moral/sexual baseada na *aphrodisia*. A Moral para FOUCAULT (1998,p.26) tem um sentido duplo podendo ser um conjunto de valores regras propostas ao individuo através de dispositivos como igreja, família, escola etc. A bíblia, por exemplo, tem um código moral bem definido, que preza uma determinada conduta moral, mas sua transmissão e recepção tornam-se algo difuso. Moral também pode ser o comportamento real do indivíduo ou como ele pratica e pensa essa moral prescrita. Se eles negam ou se submetem por total a essas regras de conduta. Moral comporta sentido de formas de subjetivação e códigos de comportamento. Uma esta relacionada com a outra. Mas há também, com relação a esses dois significados ou para além deles, de acordo com Foucault, o ato de conduzir-se que é o ato pelo qual o *sujeito* deve se constituir a si mesmo como sujeito moral de acordo/em relação aos termos que constituem os códigos morais. Há diferentes maneiras de se conduzir e essas maneiras são influenciadas pela *determinação da substância ética, modos de sujeição, elaboração do trabalho ético e teleologia*. (FOUCAULT, 1998, P.27 e 28)

As diferentes maneiras de praticar os preceitos dos códigos morais estão relacionadas com a *determinação da substância ética*, maneira pela qual o indivíduo constitui uma parte de si mesmo como principal matéria de sua conduta moral. Importante também é perceber a maneira ou *modos de sujeição* que o indivíduo se relaciona com as regras de determinado código e as pratica. Muitas vezes esta relacionada a necessidades, interesses e outros motivos. A *elaboração do trabalho ético* ação e aplicação que o sujeito efetua sobre si mesmo para tornar sua conduta de acordo com uma regra dada e também para tornar a si mesmo em sujeito moral de sua própria conduta. Como ela é aplicada por ele mesmo. Como ele trabalha em si mesmo para transformar a si mesmo. Outras diferenças estão relacionadas ao que Foucault chama de *teleologia* do sujeito moral. Esta ligada a finalidade de uma ação moral. Assim a constituição de si dá-se a partir do momento em que

delineia/define a parte dele mesmo que constitui o objeto dessa prática moral, define sua posição com relação ao preceito moral que está inserido, estabelece para si mesmo um modo de ser que valerá na realização moral dele mesmo, e age sobre si mesmo, procurando conhecer-se ou transformar-se.

Assim como na *aphrodisia*, os atos de afrodite ou o conjunto de atos e condutas sexuais no mundo grego-antigo, a anarquia é um conjunto de princípios e valores (não doutrinários) não apenas político, mas também social, sexual, pedagógico etc. que também subjetivizam pessoas criando condutas e excluindo outras consideradas autoritárias, preconceituosas ou alienadas.

Sendo a anarquia um conjunto de valores que não possui um corpo doutrinário coeso, onde a reelaboração e a constante atualização dão a anarquia um caráter ainda mais diverso e múltiplo, tendo por consequência efeitos profundos na vida dos indivíduos que simpatizam com a anarquia.

Um exemplo: De acordo com antigos membros da banda, Rogério, atual vocalista da banda anarcopunk CUSPE, antes de ser punk e anarquista era evangélico. Um dia pregando em plena Praça da Bandeira no centro de Campina Grande-PB se aproximou de um grupo de anarquistas, punks e roqueiros para entregar panfletos de cunho evangelizador e começou a ouvir falar sobre o anarquismo e punk. Aquelas palavras causaram bastante impacto no modo de ser dele. Impacto esse visto até hoje. A partir desse primeiro contato começou a se aproximar do movimento punk. Aplicou sobre si os princípios libertários e tornou-se anarquista. Leu Proudhon e foi viver junto com outras pessoas em uma comuna autogestionária nas proximidades de Campina Grande-PB. Depois prestou vestibular para Sociologia/antropologia na antiga Ufpb sempre prezando por leituras anarquistas. Hoje é professor titular da UFCG, mas ainda convencido de suas idéias anarquistas iniciadas a partir de seu contato com o punk na juventude. Ao contrário de ser uma moda passageira, o anarquismo punk continua a reverberar nele até hoje. Não apenas nele, mas em outros Punks também a anarquia promove “estragos” internos e mudanças na conduta de que cada indivíduo.

JAL:

Meu interesse pelo anarquismo começou primeiro através das letras de protesto das bandas punks/hardcores, me identifiquei muito logo que conheci o som, a rebeldia, a questão da igualdade..., depois que conheci os meninos da COB e começamos a atuar juntos nos protestos é que fui saber da existência do anarquismo, pensadores... , e fui me identificando cada vez mais. A autogestão, o indivíduo se autogovernar, sem que outros decidam o que é melhor pra ele foi de início o que mais me identificou, tinha também a questão das pessoas acharem que anarquia é utopia, é de certa forma, mas deixa de ser a partir do momento que vc começa a vivenciá-la no seu dia-a-dia, com seu companheiro, na criação dos filhos... “

RENATO:

A anarquia sempre causa estrago em quem se aproxima. Aquela máxima dita por Bakurín (risos!) é bem sensata: Destruir para construir! É isso: velhos valores e percepções de mundo morrem prá renascer numa perspectiva libertária. Um livrinho que mais mexeu comigo foi "Utopia e paixão" de Roberto Freire. Na época fiquei apaixonado!! O que mais me encanta na anarquia é a igualdade sem conseqüências. Detesto aristocratismo e é por isso que tem alguns grupos punx q prá mim são execráveis justamente por se sentir "os escolhidos". Também alguns anarquistas se sentem assim... contraditórios!"

As idéias anarquistas não são entendidas e praticadas da mesma maneira pelas bandas punks. Não falam a mesma coisa e os mesmos temas. As bandas punks anarquistas muitas vezes dão preferência a certas temáticas ou vertentes do anarquismo: a banda C.U.S.P.E tem músicas que tem como tema idéias trabalhadas por Proudhon como a *autogestão e cooperativismo*. A banda espanhola Sin Dios se identifica com os *obreros* e a vertente do anarcossindicalismo.

As idéias e práticas de associações e comunas livres foram bem sucedidas enquanto duraram na Barcelona rebelde, durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), e nos camponeses Makhnovistas, durante a Revolução Ucraniana (1917-1921). Muitas também foram as que existiram bem antes do surgimento do Anarquismo, como as experiências piratas nas ilhas caribenhas Tortuga e Libertária no século 17 e os Quilombos como Palmares. Essas experiências comunitárias não "morreram" com o advento do punk como novo sujeito praticante dos pensamentos libertários: Squatts, coletivo, Distros³⁵ e gravadoras independentes são também experiências que procuram propagar os ideais libertários e coletivos. A idéia de comuna e associações libertárias, associação sob vontade livre e solidária de pessoas, como os coletivos e Okupas³⁶, CCS na Ocupação do Cilaio Ribeiro em João Pessoa-PB em 1992.

O Anarquismo Punk não determina condutas pré estabelecidas. Mas seus princípios e sua apropriação por parte dos indivíduos geram rupturas e caos interno e novos olhares, posturas e comportamentos tanto individuais como no próprio movimento punk.

Numa das músicas do grupo/coletivo punk anarquista Crass da mesma época do Sex Pistols e do The Clash observamos a crítica dirigida esses grupos punks clássicos. O Crass é uma das primeiras bandas punks a se intitular anarquista e uma das primeiras a "desconstruir" modelos e heróis no próprio universo punk. O Crass denuncia que a modalidade com que as bandas citadas "tratavam" o punk era o mesmo que tornar o punk uma mercadoria e o universo punk em negócios.

³⁵ **Distro.** Distribuidora de materiais - discos, camisas, fanzines etc. - independentes.

³⁶ **Okupa.** Termo derivado da palavra *Ocupação*. Tem o mesmo significado da palavra inglesa *Squatt*.

A constante negação de uma origem, de um mártir e um marco fundador com relação ao punk faz parte da “tradição”, ou melhor, da atitude dos Punks anarquistas. Não há uma narrativa histórica *segura e definitiva* sobre o punk. A banda Crass pode ser considerada uma grande referência para os anarcopunks, mas nunca ídolos ou mitos. A relação ídolo/fã muitas é uma relação parecida com adoração a um deus.

O Dia que o Fã Morreu

“O dia que o fã morreu
O ídolo nem se quer
foi ao enterro
Sua expressão
foi o total desprezo.!”

Descarga Violenta - Babárie (2007)

A partir daí o Crass busca por atitudes mais politizadas. Uma das músicas da banda chamada *Punk is Dead (o punk está morto)* eles criticam o fato de que o punk de uma expressão de revolta passou a ser negociado:

“Yes that's right, punk is dead
It's just another cheap product for the consumers head
Bubblegum rock on plastic transistors
Schoolboy sedition backed by big time promoters
CBS promote the Clash
Ain't for revolution, it's just for cash
Punk became a fashion just like hippy used to be
Ain't got a thing to do with your or me...”

Tradução

“sim, tudo certo, o punk está morto
é apenas outro produto barato para os consumidores.
rock 'bubblegum' em transistores plásticos
grandes produtores por trás de estudantes passivos.
a CBS produziu o Clash, não por revolução, mas por dinheiro
o punk tornou-se uma moda como aconteceu com o hippie
e não há lugar pra eu e você”

The Feeding of the 5000 1978

Nesta letra a banda anarcopunk fala da “morte” e da absorção do punk pelas grandes gravadoras. A geração de bandas clássicas do punk, como Sex Pistols e Ramones, foram seduzidas pela lógica comercial. Os anarcopunks, a partir da banda/ coletivo Crass, rompem com a lógica do lucro que absorve o punk e produzem novas práticas punks agora baseadas em princípios libertários e anticapitalistas.

4.4 Anarquia e Sociedade do Controle.

Consumismo e competitividade são valores intrínsecos e incentivados pela *lógica da empresa*, lógica essa promovida pela atual *Sociedade de Controle*. DELEUZE nos fala que uma nova sociedade emergiu após a Segunda Guerra Mundial: as sociedades de controle estão substituindo as sociedades disciplinares analisadas por Foucault. DELEUZE (1992,p.219).

Novas formas de “*ultra rápidas*” de controles ao ar livre estão surgindo e não estão apenas a serviço de um estado ou órgãos de espionagem, mas difuso e ao alcance de todos. Basta observar as câmeras de seguranças instaladas em residências e pequenos comércios.

Nessa sociedade ainda capitalista, a *lógica da empresa* substitui a antiga lógica da fábrica do antigo capitalismo. Isso significa que enquanto na fábrica os indivíduos eram tomados como massa, como um todo uniforme, lógica adotada por sindicatos para unir forças contra o patronato, pelo indivíduo que se sentia parte de um todo e pelo patrão que vigiava a todos, na empresa a rivalidade entre seus membros é instigada e valorizada por todo o tempo motivando indivíduos e beneficiando através de promoções de cargo e de salário os que se saem “melhores”. Essa mesma lógica é aplicada também fora da empresa. De acordo com Deleuze:

A fábrica constituía os indivíduos em um só corpo, para a dupla vantagem do patronato que vigiava cada elemento na massa, e dos sindicatos que mobilizavam uma massa de resistência; mas a empresa introduz o tempo todo uma rivalidade inexprível como a emulação, excelente motivação que contrapõe os indivíduos entre si e atravessa cada um, dividindo-o em si mesmo. (DELEUZE, 1992, p.220)

Há uma luta constante dos anarco-punks para que a cultura punk, principalmente o visual e a música, não caia na lógica do mercado e que não se reduza a mais um produto visual e musical facilmente consumível e domesticado pelo mercado, reproduzindo gestos e falas superficiais sob o rótulo de arte/moda rebelde.

É contra essa lógica da empresa que o discurso anarcopunk se rebela. O estado, a polícia e o exercito, grandes multinacionais, a grande imprensa, religiões fazem parte do Sistema. Esse sistema identificado como um conjunto bem articulado de grupos diferentes com interesses comuns que através da coerção de indivíduos e de seus privilégios econômicos e sociais pretendem manter seus benefícios, lucros e poder, em detrimento dos interesses de outra parcela menos favorecida.

Já disse muitas vezes que o capitalismo é canibalismo. Essa afirmação geralmente se refere à maneira como os donos de corporações ou executivos exploram seus

semelhantes a fim de obter lucro. O capitalismo parece frequentemente prosperar com a miséria de algum grupo de pessoas. (O'HARA, 2005, Pag.77)

Além do Estado, outro grande “inimigo” dos anarcopunks é o capitalismo. É contra ele e seu poder de tornar todas as coisas em produto que muitas das táticas e idéias dos anarcopunks são pensadas como, por exemplo, a criação de *Distros* e gravadoras independentes da lógica das grandes multinacionais da música, como a EMI. Essas ações são fundadas no que *Do-it-yourself*, ou o *faça-você-mesmo*, que é a “ética motriz” da cultura punk.

O *D.I.Y. punk* se traduz em posturas libertárias e anticapitalistas relacionadas à criação de roupas, de fanzines, de discos e eventos punks, a partir do esforço coletivo ou individual sem o auxílio de grandes recursos, principalmente financeiros, e sem o intuito de obter grandes vantagens lucrativas, nos casos que envolvem compra e venda de roupas e discos, por exemplo. Inicialmente relacionada às “práticas comerciais” dos punks, como a criação de pequenas gravadoras e a venda de discos, a lógica do DIY se estendeu a outros tipos de ações como: a criação de pequenas hortas para o cultivo de verduras e frutas longe de agrotóxicos; a confecção das próprias roupas em vez das grandes marcas; a produção de fanzines em vez da informação padronizada veiculada por grandes editoras, jornais e redes de televisão; o uso de meios de locomoção livres como a bicicleta, o skate ou a caminhada em vez da dependência e do monopólio das “empresas de transportes públicos” dentre outras inumeráveis posturas e atitudes.

(...) Nós, punks, podemos organizar shows e passeatas, lançar discos, publicar livros e fanzines, distribuir nossos produtos via mala direta, dirigir lojas de discos, distribuir literatura, estimular boicotes e participar de atividades políticas. Fazemos todas essas coisas e as fazemos bem. Alguma outra contracultura de jovens dos anos 80 e 90 pode afirmar que faz tudo isso? (O'HARA, 2005, p. 151)

4.5 Gigs, Distros e Coletivos

Gigs, coletivos e Distros são exemplos de práticas fundadas no *DIY* que são contrárias a *lógica da empresa*, competitiva e consumista, também presente no mundo cultural/musical, onde discos, grupos e visuais, são muitas vezes entendidos como produtos a serem consumidos. Essas práticas baseadas em princípios anarquistas como a ação direta e na autogestão e na solidariedade.

As Distros e pequenas gravadoras punks são iniciativas coletivas e autogestionárias que visam a divulgação dos ideais e materiais relacionados ao anarquismo e ao punk. Muitas bandas punks no começo da década de 80 cansados do jogo comercial das grandes gravadoras, que impunham, e impõe ainda, censuras as músicas que ameacem as vendas e outras intervenções nada agradáveis a muitos artistas, decidiram criar suas próprias

gravadoras e ter o maior domínio possível na produção, gravação e distribuição de seus discos. *Dessa maneira eles (os grupos punks) passaram a estabelecer seus preços, escrever suas próprias letras e tocar as músicas que achavam que era importante sem ter de fazer concessões.* (O'HARA, 2005, p.154)

Os materiais são vendidos em gigs ou por correio e o pouco lucro correspondente a venda desses materiais era aplicado na confecção e obtenção de novos materiais e nas despesas dos selos e distros. Essas organizações são coletivas e não possuem funcionários ou patrões e são administradas por todos os envolvidos. A produção e distribuição do material conta com a ajuda de todos os participantes. As distros também distribuem outros materiais como zines, livros e camisas etc. Exemplos próximos dessas práticas são a *Boas Novas Records* e a *Borrachons produções* ligadas ao Centro de Cultura Social de João Pessoa, o CCS/JP, funcionando entre fins dos anos 90 e início dos anos 2000 na ocupação do Teatro Cilaio Ribeiro na mesma cidade.

Eu queria saber como funcionava a lógica das gravadoras/distros: borrachos e boas novas records. Como conseguiam os equipamentos, o local, como faziam pra produzir, distribuir e vender os materiais?

RENATO MAIA: As distribuidoras ligadas ao **CCS/JP** eram organizadas por indivíduos que estavam envolvidos no grupo e as distribuidoras contribuíam nas atividades do grupo ajudando a difundir a cultura punk e anarquista. Praticamente em todos os eventos montávamos banquinhas com discos, camisetas, fitas K7, panfletos e zines que repassávamos aos presentes. Geralmente o material era repassado pelo valor de custo, não havia lucros. O grande lance das distribuidoras era mesmo a difusão das produções punks/anarquistas na cidade, já que não se tinha naquela época muito acesso a esse tipo de material e nós da **Boas Novas Rec** conseguíamos obter materiais até de outros países graças as trocas que fazíamos pelos discos da **Discarga Violenta**. A **Borrachons** produções era organizada por dois camaradas da banda **Arriba Los Borrachos** e difundiam materiais da banda e um importante VHS com o título de "xiriu" com apresentação de bandas Anarcopunks (maioria do nordeste). As distribuidoras tinham esse objetivo de difundir os materiais produzidos. Os eventos, ensaios de bandas e gigs não eram organizados pelas distribuidoras e sim pela cooperativa de bandas ou pelo próprio CCS/JP onde todos se envolviam.

Entrevista dia: 15 – 11- 2010.

Nas *Gigs*, os eventos punks, a solidariedade entre os grupos é fundamental para a organização e realização das apresentações. Não há uma banda mais importante que outra ou uma banda que seja a atração principal que deva fechar ou abrir um evento. As bandas dividem o mesmo equipamento e revezam a seqüência de suas apresentações. O lucro obtido nesses eventos é dividido igualmente entre as bandas.

“As bandas punks tradicionalmente se ajudavam conseguindo shows em outras cidades, organizando turnês, lançando discos etc. Houve poucos casos de competição fora das bandas que regularmente ‘se vendem’ para obter mais público e lucros. As bandas punks tendem a tocar apenas entre si porque tem idéias semelhantes sobre cooperação e não tem as atitudes competitivas que prevalecem na indústria musical.” (O'HARA, 2005, p.152)

Nas gigs punks as relações horizontais e prazerosas se estendem ao máximo por todos os participantes, assim como nas *Zonas Autônomas* da qual nos fala Hakim Bey. A TAZ, ou zona autônoma temporária é uma negação da idéia de revolução. A TAZ seria uma “rebelião/insurreição”, uma forma de subverter principalmente ao Estado sem ser “engolido” ou esmagado por ele. Estas zonas temporárias são experiências e levantes coletivos temporários, mas intensamente prazerosas e libertárias.

A TAZ como um festival, um jantar onde todas as estruturas de autoridade se dissolvem no convívio e na celebração. O jantar pode ser considerada a semente de uma nova sociedade tomando forma dentro do invólucro da antiga. A reunião tribal dos anos 60, o conclave florestal de eco-sabotadores, o festival dos antigos celtas celebrando a entrada da primavera, as conferências anarquistas, as festas gays, as festas de aluguel no Harlem dos anos 20, as casas noturnas, os banquetes, os piqueniques dos antigos libertários, todos podem ser considerados TAZs em potencial. (BEY, 200?, p.09)

Muito comum entre os libertários Punks é a criação de coletivos. Os coletivos são grupos de libertários punks aglomerados em favor de uma luta ou tema específico.

Um coletivo anarquista é uma célula libertaria organizada da forma mais horizontal possível que promovem debates e ações libertárias. Diferente dos partidos e Ongs, um coletivo não possui hierarquias ou um regimento interno rígido. Objetivos, algumas normas e princípios destes coletivos estão em constante reformulação e sendo pensados sempre em conjunto. Músicos, estudantes, punks, anarquistas, feministas, atores, professores participaram e participam de coletivos.

Como exemplo de coletivos temos: o coletivo Caracará em Campina Grande nos anos 90; os *Coletivo Arte e Luta* (CAL) nos anos 90 em João Pessoa; o Coletivo anarcofeminista *Insubmissas* em João Pessoa no fins dos anos 90 e começos dos anos 2000 dentre outros. Muitos punks adotaram ao anarquismo através de estudos e ações praticadas por esses coletivos. Muitos anarquistas por sua vez se aproximaram e também se envolveram com o universo punk.

Mesmo favorecendo o engajamento político de muitos punks, é interessante notar que o encontro entre alguns punks com os anarquistas não foi tão simples. Tanto na tese de BASTOS quanto na entrevista concedida por Derek nota-se que o encontro entre punks e os anarquistas não foi assim tão “pacífico”. Os anarquistas eram, segundo o relato de *Elbara*, pessoas com formação acadêmica, que simpatizavam com determinada corrente anarquista, no caso o anarco-sindicalismo, intelectuais acostumados a textos argumentativos densos e clássicos, como textos de anarquistas como Mikhail Bakunin (1814-1876), Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) e Errico Malatesta (1853-1932) além de quererem manter uma boa imagem do anarquismo. De acordo com BASTOS (2005,p.345),

alguns punks reclamavam que os anarquistas se limitavam a teoria, a artigos em jornais e a esfera sindical, e não ligavam para a parte prática, como passeatas e protestos nas ruas etc.

Os anarquistas por sua vez afirmavam que a postura punk realçaria ainda mais o preconceito contra o anarquismo. Já os punks não possuíam idéias com a rigidez acadêmica, e muito do que diziam estava baseado mais em sentimentos/experiências e desejos do que em estudos/argumentos/leituras acadêmicas ou teóricas.

Os caras eram muito intelectuais, muito entendidos do assunto, muito teóricos, mas muito pouco práticos. Então nós já era assim, a gente tinha uma prática muito grande, então a gente notava o seguinte. Vamos fazer uma manifestação anti-militar, fazer uma manifestação contra a pena de morte, fazer uma manifestação contra o racismo. Então a gente notava o seguinte. Quando era palestra, debate, eles tavam todos. Mas não se expunham, não gostavam muito de se expor nas ruas, eram poucos. Ou seja, quando a gente fazia uma manifestação, digamos que tinham uns 15 punks e uns três (anarquistas), mesmo assim muito pouco (BASTOS, p.345,2005)

Apesar desses pequenos conflitos não impediram a troca de experiências entre punks e anarquistas como nos revela Renato Maia:

Prá se ter uma idéia, vários camaradas que faziam parte do núcleo pró-COB e do Coletivo Anarquista de JP se tornaram também anarcopunks e outros anarcopunks tbm passaram a participar do CAJP. Foi uma mistura danada (risos!). As divergências aconteciam mais com uns três ou quatro anarquistas que eram mais "militantes" no sentido marxista do termo, ou seja, de ver a participação política de forma mais ortodoxa e dogmática. Hoje esses anarquistas fazem parte da imprensa oficial de João Pessoa ou prestam assessoria a políticos e não defendem sequer posturas libertárias.

Os coletivos eram grupos que além de debates de idéias teóricas visavam ser mais do que um grupo de estudos e sim um grupo que colocasse em ação/prática o que estudavam. Essas ações podiam variar desde protesto, passeatas contra o voto e alistamento obrigatórios, distribuição de mudas, panfletagens, realização de GIGS, squatts e ocupações. **Squatts** ou okupas são ocupações à imóveis abandonados, que muitas vezes servem para fins ilícitos, com a finalidade de torná-lo um lugar produtivo culturalmente/socialmente. Muitas vezes estes imóveis estão abandonados por questões de dívidas ou processos judiciais.

Nas okupas são realizadas atividades culturais e educativas: teatro, shows, exibição de vídeos, oficinas (com uma infinidade de temas), exposições artísticas, artesanato, palestras/debates, cozinha vegetariana, reciclagem, fontes alternativas de energia e diversas outras atividades que explicitam a forma de vida autônoma, alternativa e como combate as relações impostas pela sociedade de consumo capitalista. As okupas são uma declaração de guerra aberta contra o capitalismo e todas as relações autoritárias, hierárquicas, machistas e desiguais que permeiam o cotidiano da sociedade. (MAIA, s.n)

Nesses imóveis abandonados, os anarcopunks reinventam esses lugares promovendo ao máximo relações horizontais baseadas na solidariedade e na igualdade livre de práticas que visem o lucro. O Squatt Casa Viva (2005-2006) em Natal-RN e Toren (2009) em Fortaleza-CE, e de certa forma a ocupação do Cine São José em Campina Grande-PB (2010) que também mantém e promove ações libertárias, são exemplos de ocupações.

O espaço físico é recuperado e muitas vezes revitalizado com plantas que tem um valor simbólico para essas ocupações representando a vida em um lugar antes abandonado e sujo. Uma das grandes conquistas para movimentos sociais e anarcopunks foi a ocupação do prédio Tomas Mindello em 1992. Neste local, vários coletivos importantes como o *Insubmissas* e o *Coletivo Arte e Luta*, o CAL, instalaram-se e atuaram durante os anos 90 e 2000.

Em 1991, a **Federação Paraibana de Teatro Amador (FPTA)**, consegue a liberação do governo do Estado para ensaiar as peças teatrais em um imenso casarão que estava abandonado situado no centro da cidade. Esse casarão era uma antiga escola pública chamada Tomás Mindelo. O espaço era demasiado grande para apenas uma entidade realizar suas atividades e a FPTA cansada de cobrar o apoio dos órgãos governamentais para instalar no local um centro cultural mais amplo, decide convidar outros grupos e entidades para okupar o prédio e fazer surgir um centro cultural independente e autônomo. Assim é formado, em 1992, o **Coletivo Arte e Luta (CAL)**. O coletivo foi formado por 12 entidades que administravam o prédio e realizavam suas atividades no local. (AIAM, 2000, p.01)

O Coletivo Insubmissas, orientado pelo anarco-feminismo, dedicava-se a idéias e ações que penssem questionem a condição feminina. Já o coletivo CAL era um coletivo intimamente ligada a ocupação do prédio. Esse coletivo era formado por vários movimentos que ocuparam o local.

Foram convidadas a participar do Coletivo os grupos que mais estavam em evidência na cidade, seja atuando no campo cultural ou nas mobilizações realizadas na cidade. Dentro desse contexto a diversidade prevaleceu. Grupos de capoeira angola, movimento negro, meninos e meninas de rua, homossexuais, músicos independentes e anarko-punks entre outros, constituíram a base do CAL. (AIAM,2000, p.01)

Contra a competitividade que identifica o outro como inimigo a ser vencido/superado; contra a lógica de vida capitalista causadora da miséria de muitos e luxo de poucos e que faz todos crêem que a única meta na vida é o lucro.

Dizemos não ao Estado e ao Capitalismo porque não pode haver espaço legítimo para o ser humano onde o dinheiro é mais importante que as pessoas e a satisfação dos nossos desejos e necessidades está submetida aos interesses do lucro; porque não pode haver espaço para a liberdade onde nossa capacidade de ação se resume a

produzir, consumir e obedecer ordens nos limites de uma sociedade autoritária que nos garante o 'direito' de votar mas nenhum direito de decidir. Buscar alternativas não é tarefa para poucos: ela devem ser buscadas e compreendidas socialmente na escala mais ampla possível, devem ser incluídas e participativas, apontando para a retomada de todos os aspectos da vida cotidiana: o amor, a educação, o conhecimento, o lazer, a arte, etc. (INTIMO PUNK ESTRAÇALHADO,2003,p;02)

4.6 Parresia Punk

A palavra *Parresia* vem do grego *parrhêsia* e na Grécia antiga era o ato de falar livremente expressando o que se sentia sem medo de punições posteriores diante pessoas de níveis sociais e políticos elevados. Assim fez Diógenes, o Cínico diante de Alexandre, o Grande quando este “*vira-se para Diógenes e pergunta-lhe se podia fazer algo por ele, ao que o filósofo respondeu:«Sim, desviai-vos! Estais a tapar-me o Sol!».*” (PIMENTA NEGRA, 2005,s.n)

Falavam francamente verdades e críticas sem o medo de sofrer penas ou correr riscos. Não procuravam obter simpatias nem convencer ninguém como a retórica. Não era apenas um ato de falar o que se pensa como hoje em dia, mas o ato ousado de dizer tudo com franqueza diante superiores ou autoridades sem medir as palavras e as conseqüências. Muitas das letras abordam temas como consumismo, desigualdades, violência policial e estatal, religião, degradação do meio ambiente, vegetarianismo/veganismo, homoafetividade, Anarquia, individualidade, feminilidade etc. Num artigo sobre o socialista Maurício Tragtenberg, PASETI afirma que o “*parresiasta não era uma pessoa fácil: era incisivo.*” (PASSETI,?,p.26). Sobre os anarquistas afirma que:

Os anarquistas e muitos outros inventores de vida apareceram como parresiastas contemporâneos retomando o risco de proferir a verdade não só diante dos governantes, de adversários e inimigos, mesmo buscando a verdadeira filosofia desinteressada. (PASSETI, 2008, p.27)

Os anarcopunks, assim como os *cínicos* e os *parresiastas*, não escondem e nem escolhem palavras ao dizerem em suas letras e fanzines o que pensam sobre a sociedade e o mundo. Falar e viver francamente baseado em princípios anarquistas fundados na liberdade, no antiautoritarismo e na solidariedade, negando e atacando formas de viver baseadas no lucro, na competição ou na exploração como a atual sociedade capitalista.

A parresia anarcopunk, por exemplo, está presente quando muitas das letras de bandas criticam com palavras diretas, cruas e agressivas a autoridades policiais e religiosas, sua violência e repressão, mesmo sabendo que as possíveis conseqüências são ameaças e agressões. O ato de se expressar livremente não está presente apenas nas letras e textos dos punks, mas também no visual, na fala, no olhar e no andar dos anarcopunks. Muitas

vezes pagam caro por isso: ofensas verbais, agressões e ameaças por parte dos policiais, parentes, desconhecidos e vizinhos.

Chegamos a passar por situações delicadas, como por exemplo, um evento que tocamos em praça pública (era a festa da padroeira do bairro, em frente a igreja, mas nós não queríamos saber desses “detalhes”) e o nosso amigo que tinha nos convidado falou que a única exigência era não falarmos “palavrões”. Nosso vocalista começou a apresentação falando exatamente sobre isso: *“pediram prá gente não falar nenhuma palavra grande, então vamos falar apenas coisas curtas e diretas, como: Deus era um negro, Maria era uma puta e Jesus era um viado, nisso ninguém acredita, isso é que blasfêmia, isso é que é pecado. Vão tomar no cú seus alienados!”* e assim começamos a tocar e foi uma chuva de pedras, areia, água e muita vaia prá gente. Quando terminamos o organizador queria chamar a polícia prá nos escoltar porque havia ameaça de linchamento. A banda (Discarga Violenta) ficou um tanto quanto abalada depois desse episódio, mas continuamos firmes. (MAIA, 2010, s.n)

O discurso do punk incomoda justamente por eles não terem medo de correr riscos, por sua linguagem direta e crua que não busca persuadir ou iludir, linguagens/táticas tão comuns dos discursos publicitários agressivos que tentam convencer o maior número de pessoas a comprar e consumir cada vez mais. A agressividade, no caso dos anarcopunks, é canalizada para determinadas figuras: multinacionais, governos, fascistas, fanáticos religiosos etc.

Experiências cotidianas, ironia, ceticismo, citações de textos teóricos, lirismo também fazem parte da fabricação da mensagem dos anarcopunks. De acordo com OLIVEIRA (p.84, 2003) o autor afirma que os anarcopunks possuem um *“espontaneísmo”* com relação às leituras e aos argumentos dos anarcopunks sobre anarquia. Seria a leitura “livre” repletas de ironia, ceticismo, lirismo etc, da realidade e de conceitos anarquistas, numa leitura sem a rigidez das leituras acadêmicas. De acordo com isso acontece para *“criar uma contracultura de fácil acesso e que está em coerência com o tipo de leitura da realidade que o movimento em foco faz leitura esta que é guiada pelos aspectos mais aparentes (porém esclarecidas) do real...”* (OLIVEIRA, 2003, pag.84).

Não há um padrão definido na produção das músicas e letras punks. Algumas letras e músicas são feitas com frases de mensagens simples e diretas, assim como os pequenos *Hai Kais*, para que todos possam entender sem dificuldades. Numa de suas letras a banda Discarga Violenta critica o uso da cultura punk como produto inserido na lógica do mercado por algumas bandas e indivíduos que se intitulam punk:

Cultura de Consumo

Pegam a cultura de protesto e prazer
Transformam em consumo
E dizem que é pra sobreviver...

Descarga Violenta in :Emergencia

Outras letras vêm com citações de textos de libertários clássicos, como na música *Autogestão*, já citada, da banda CUSPE que possui trechos do *Discurso da Servidão Voluntária* de Étienne de La Boétie. Diferente dos punks mais niilistas ou pessimistas, o anarcopunk defende, por meio de suas letras mudanças na sociedade, na política, na cultura, e no indivíduo.

Por exemplo, letras que criticam o estereótipo da mulher submissa, tão condenado pelas anarquistas e pelas punks anarquistas. Como as letras da banda *Aberração Sonora* de João Pessoa-PB. Uma das integrantes, Jael Bandeira, me enviou uma letra chamada *Mulher nota 10*. A letra começa citando o comportamento e algumas frases conhecidas sobre determinado estereótipo feminino, como aquele que relaciona a mulher a procriação e a submissão, bastante comum na sociedade nordestina, para logo em seguida contestá-las de forma incisiva e irônica:

MULHER NOTA 10

Sexo Frágil
Sexo inferior
Cuidar da casa
Fazer amor
Mente retardada
Cabeça vazia
Só serve pra procriar!

Aberração Sonora

Para muitos punks pessimistas e niilistas a destruição do mundo através de guerras, desastres nucleares, fome, doenças ou por catástrofes ambientais, é eminente e não há nada que se possa fazer. Outros dão um sentido libertário à destruição como no lema “Destruir e Edificar” de Proudhon. Edificar um mundo onde preconceito, racismo, violência, hierarquias não tenham vez. Para os anarquistas toda destruição vem acompanhada de algo novo, talvez melhor.

De Volta a Pré-História

Miséria no mundo
A sociedade em decadência
A destruição é garantida
Construiremos o novo.

Há um grande questionamento de discursos políticos sociais como comunismo, democracia e capitalismo tão enfatizados como via de emancipação e de felicidade para o homem. O progresso trás a destruição do planeta e infecta o ambiente e aliena as pessoas.

O mundo nas letras de muitas das bandas punks tem uma cor acinzentada dos concretos e da fumaça do mundo civilizado.

Decadência Humana

O mundo está em decadência
 Pois o homem evolui
 Só pensando em dinheiro
 Esquecendo que existem vidas
 Constrói sua própria destruição!

Demo Nossa Luta!(1989)

O cinza é a cor que iguala as pessoas, carros, concretos em um tom “*mórbido e cinzento*”. O preto adotado por muitos anarcopunks passa a ser a cor da negação de tudo isso. A vestimenta preta de certa forma mostra o estado de espírito de muitos: negação, tristeza, destruição, mas também esperança e renovação, uma das muitas características da cor negra. A cor Negra para os anarquistas possui essa ambivalência e pode significar ao mesmo tempo “*Destruam et Aedificabo*” (*destruir e edificar*). Para HOWARD em seu livro *Reinventing anarchy: what are anarchists thinking these days?* Ao falar da bandeira negra afirma que a cor preta tem esse sentido ambivalente:

Why is our Black flag? Black is a shade of negation. The Black flag is a negation of all the flags. (...). Black is mood of anger and outrage at all the hideous crimes against humanity perpetrated in name of allegiance to one state or another. It is anger and outrage at the insult to human intelligence implied in the pretenses, hypocrisies, and cheap chicaneries of governments... Blacks is also a color of mourning; the black flag which cancels out the nation also mourns its victims – the countless millions murdered in wars, external and internal, to the greater glory and stability of some bloody state. It mourns for those whose labor is robbed (taxed) to pay for the slaughter and oppression of other human beings. It mourns not only the death of the body but the crippling of the spirit under authoritarian and hierarchic systems; it mourns the millions of brains cells blacked out with never a chance to light up the world. It is a color of inconsolable grief. (ERHLICH, 2000, Pag.31-32)

Trad.

Por que nossa bandeira é negra? Negro é a marca da negação. A bandeira negra é a negação de todas as bandeiras. (...) Negro é um grito de revolta e ira contra todos os crimes odiosos contra a humanidade perpetrados em nome de eleitos por ou outro estado. Ela representa a revolta e a ira contra o insulto à inteligência humana reduzida a pertences, hipocrisias, e caprichos de governantes... Negra é também a cor da manhã; a bandeira negra que anela por um novo amanhecer onde não se produzam as milhões de vítimas das guerras assassinas, externas e internas, para a grande glória e estabilidade de alguns estados sangrentos. Um amanhecer para aqueles cujo fruto do trabalho é roubado, taxado, para pagar a escravidão e a opressão de outros seres humanos. Um amanhecer não apenas para a morte do corpo mas para a elevação do espírito sob o autoritarismo e sistemas hierárquicos; um amanhecer para milhões de pessoas que nunca tiveram qualquer chance neste mundo.

4.7 Os Zines

Em *A Invenção do Cotidiano* (1980), CERTEAU aborda a vida cotidiana, a cultura popular de forma peculiar, pois não vê os homens “ordinários” ou a cultura “popular” apenas como receptores de uma determinada cultura dominante ou como meros seres passivos/disciplinados que se contentam em apenas aceitar os produtos criados e repassados por determinada cultura “dominante”. Assim CERTEAU não trabalha com a noção de dominantes e dominados no sentido do último ser um mero depósito dos produtos culturais fabricados/impostos pelo primeiro. Ao homem ordinário comum, da cultura popular ele chama de usuário e procura/buscar entender o que esses usuários fazem com o que lhes é “imposto”. A conclusão de CERTEAU é que estes também fabricam/reinventam/subvertem esses produtos e esses novos sentidos são muitas vezes opostos a sua intenção original.

A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de ‘consumo’: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. (CERTEAU, 1998, p.39)

Como a capoeira em que muitos senhores pensavam ser apenas um instante de lazer oferecido pelo sistema escravocrata, mas que era um tipo resistência e luta de antigos ritos as crenças cristãs, além de servir muitas vezes como forma de conspirar contra os senhores e arquitetar fugas etc. Ou como os anarcopunks que se utilizam dos *Fanzines*, pequenas “revistas” artesanalmente construídas/fabricadas com recortes de jornais ou revistas ou a mão, para falarem/informarem sobre práticas punks e anarquistas pelos próprios anarcopunks deixando de serem ditos/definidos pela grande mídia.

Usuários, assim são chamados porque não apenas aceitam o que lhes já vem pronto de uma cultura determinada, mas reinventam e subvertem os produtos impostos dessa cultura dominante. Com relação a esses produtos esses consumidores aplicam inúmeras possibilidades de reinvenção e novas “*maneiras de empregar*” a partir da reapropriação, da criatividade e das “*táticas*” do homem da cultura ordinária. Assim, CERTEAU procura entender como os meios populares reagem a imposição de uma cultura dominante. Procura entender essa lógica baseada na anti-disciplina que recusa sempre as intenções originais destes produtos. Busca entender a *arte de fazer*, a lógica das práticas comuns e cotidianas do homem comum, ordinário e como são essas “*operações de usuários*” desses produtos burlando redes disciplinantes através da criatividade e *astúcia*, ou seja, de como esses produtos são subvertidos e reintroduzidos numa determinada ordem. “*O poder se acha amarrado a sua visibilidade. Ao contrário, a astúcia é possível ao fraco, e muitas vezes apenas ela, como ‘último recurso’.* (CERTEAU, p.101, 1998). Se Foucault em VIGIAR e

PUNIR demonstrou que o poder esta em todos os lugares e as redes de vigilâncias estão sempre presentes em todos os lugares, CERTEAU vai nos mostrar como “*é que uma sociedade inteira não se reduz a ela*”(CERTEAU,1998,p.41) e como

procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam a ela a não ser para alterá-los: enfim, que ‘maneira de fazer’ formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou ‘dominados’?), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política. (CERTEAU, 1998, p.41)

Por “*fabricação*” CERTEAU afirma que é uma produção ou reinvenção, de caráter astucioso e criativo, por parte dos usuários dos produtos de uma produção/economia dominante que lhes é imposto, produção essa racionalizada, expansionista e também centralizada. A isso os usuários, ditos consumidores, se utilizam de mil “*maneiras de empregar*” o que lhes é imposto. Essas “*táticas*” são as maneiras que o homem comum/ordinário joga/usa com o que lhe é dado imposto. A maneira como usa em benefício próprio produtos de um cultura dominante. A arte de driblar as estratégias racionalizadas e pensadas de uma cultura dominante para funcionar em determinadas lógicas próprias. CERTEAU cita o exemplo do sucateiro.

Acusado de roubar, de recuperar material para seu proveito próprio e utilizar as máquinas por conta própria, o trabalhador que trabalha por conta própria, o trabalhador que ‘trabalha com sucata’ subtrai a fábrica tempo (e não tanto bens, porque só se serve de restos) em vista de um trabalho livre, criativo e precisamente não criativo. Nos próprios lugares onde reina a máquina a que deve servir, o operário trapaceia pelo prazer de inventar produtos gratuitos destinados somente a significar sua obra um saber-fazer pessoal e a responder por uma despesa a solidariedades operárias e familiares. (CERTEAU, 1998, p. 87 e 88)

Fanzine é uma palavra derivada de *fanatic magazine* e é confeccionado e escrito com poucos recursos. De acordo com O’HARA (2005) os fanzines punks surgiram na metade da década de 70, na Inglaterra com o *Sniffin’ Glue*, e nos Estados Unidos com *Punk*. (pag.66) No Brasil de acordo com OLIVEIRA os primeiros fanzines punks foram o Factor Zero da cidade de São Paulo e o Exterminação em São Bernardo do Campo-SP, ambos do ano de 1981. Esses primeiros zines estavam mais preocupados com bandas, resenhas de discos, *scenes reports* e comentários sobre eventos de punk rock. Nesses primeiros zines o Punk é definido como “*(...) garotos tocando juntos nas garagens dos pais. Equipamentos baratos, roupas justas, cabeças vazias (não há nada a fazer agora que você saiu da escola!)*” (OLIVEIRA, 2000, pag.21)

Os fanzines passam a ser um dos principais veículos de comunicação dos punks. Com a recusa das grandes mídias ou as reportagens que tratavam o punk como algo sujo e violento contra tudo e todos, os fanzines surgem como veículos de informação feitos por

punks que se tornam um contra modelo informativo daquilo que é imposto pela grande mídia/mercado/indústria cultural como sendo punk.

Contrário a essa imagem de jovens de “*cabeças vazias*” como afirmou Mark Perry no *Sniffing Glue*, os anarcopunks dos fins dos anos 70 e, principalmente, durante os anos 80 serão contrários a essa geração de punks renegando práticas e elementos comuns como o da despolitização e o pessimismo, produzindo novas ações e princípios às práticas punks fundados nos valores libertários, como o combate aos fascismos, não em suas formas mais nítidas, como o nazismo e integralismo, mas os micro-fascismos presentes no dia-a-dia, em casa, na escola ou entre amigos.

Muitos anarquistas passam a usar somente o nome *zine* excluindo o *fan*, pois com os anarcopunks os *zines* passam a ser divulgadores dos princípios libertários punks e não uma mera revista de fãs e seus ídolos, o que seria uma grande contradição com os princípios libertários principalmente com aqueles contra a hierarquia e a idolatria.

A própria confecção do *fanzine* é uma bricolagem: imagens de famosos ou políticos, fotos jornalísticas recortados de revistas muitas vezes tem seu sentido “parodiado”, *subvertido* e *reinventado* por textos que alteram completamente o sentido dela; também conta a estética do zine muitas vezes “inviável” a comercialização/a lógica comercial devido a sua precária produção, diagramação, distribuição, e principalmente a sua intenção, que é a de ser uma informação “livre” no sentido de livre de conceitos superficiais e preconceituosos.

Geralmente os fanzines duram poucos números enquanto outros, raramente, podem seguir por anos. Não há um padrão para a confecção do zine. No acervo analisado o que mais me chamou a atenção foi a variedade de tamanhos, temas e estilos dos zines. Alguns foram ou são feitos a mão. Outros se utilizam de fotocopiadoras. Já outros se utilizam de editores de textos de computadores para sua confecção ou até mesmo utilizam-se de redes sociais virtuais, dispensando o papel, a tesoura e a cola, como os *e-zines*.

Sua distribuição não obedece a lógica comercial de produção. Os fanzines punks são geralmente distribuídos em pequena quantidade para punks e simpatizantes, gratuitamente ou apenas valendo o preço da Xerox/impressão. Os zines foram e são responsáveis pela informação e pela instrução de muitos punks.

Numa busca constante de ruptura, os anarcopunk sempre buscam “escapar” das artimanhas e estratégias/lógica do mercado que estão presente em todas as esferas da vida humana. A tática/prática do *No profit*, procura ao máximo fugir dessa lógica de “produção cultural” que sempre foi uma das grandes preocupações dos punks anarquistas. A criação de zines, pequenas gravadoras e publicações eram armas arquitetadas pelos anarcopunks

e que permitiam outras possibilidades de sons e expressões longe da lógica/produto do mercado.

Temas relacionados a cultura anarcopunk como: opiniões sobre o movimento punk, cenas punks, notícias sobre *squatts* e eventos punks, artigos sobre feminismo, veganismo, proteção aos animais, sexualidade e gênero. Além disso, muitos zines vinham com histórias em quadrinhos, charges, poemas e entrevistas com bandas etc.

Muitos artigos de zines punks se preocupavam e muitos ainda se preocupam em desconstruir a imagem do punk como seres contrários a sociedade. Muitos textos de autoria dos próprios punks definindo o que seria o punk sempre citam/criticam o fato de serem vistos como seres violentos e vazios. Cartas-respostas eram comuns quando uma reportagem ou artigo em jornal agrediam os punks com falácias e mentiras:

Nós, punks, não somos anti-sociais, é a sociedade que nos marginaliza, sem saber nossos objetivos, lutamos por uma vida melhor para todos; lutamos com nossa única arma: a música, cujas letras são protestos contra alguém que nos faz ficar calados por meio de ameaças. A sociedade sempre irá rejeitar o punk, porque é uma sociedade muito rígida onde ninguém tem liberdade de falar o que sente.” (OLIVEIRA, 2000, p.46)

Num dos artigos do zine ... *A Hora da Vingança* de João Pessoa-PB, encontramos a visão do que é cultura punk na ótica de um anarquista. No artigo em questão, Renato Maia, discordando da ideia de punk fundada na destruição e na violência, típica visão dos punks ganguistas e dos chamados “pessimistas”, nos fala de um punk combativo e preocupado em mudar a realidade dura em que se vive.

Os anarco-punks não acreditam no lema *No Future (Sem Futuro!* da música *God Save the Queen* do grupo *Sex Pistols*), que acabou se tornando para muitos punks e detratores da cultura o único lema e verdade sobre a cultura punk. Para os punks anarquistas, se o presente “não presta” e o futuro é incerto, ainda assim, as mudanças são possíveis. Assim, o anarquismo punk seria “*uma resposta a anos de passividade, um meio de dizer 'não' onde sempre diríamos sim.*” *White punks on hope* do álbum *The Feeding Of The 5000 (1978)*. Renato Maia numa resposta aos punks pessimistas:

(...) sobre o futuro eu tenho certeza de que o mundo vai mudar ou pra pior ou pra melhor. Sem pensar de forma maniqueísta eu farei de tudo para mudar para melhor, pois ficar falando que não há futuro, que não tem animo para atuar é compactuar com a classe dominante que quer que tudo pior mesmo para a gente? Esse tipo de pessimismo só beneficia a quem lucra com a miséria.” (...*A Hora da Vingança*, 2000, s.n)

Ainda com relação ao movimento punk, muitos artigos enfatizam o caráter combativo do punk não só contra o estado, mas também contra o capitalismo. O comodismo é extremamente criticado e combatido pelos punks, pois se trata de uma atitude que favorece

a exploração, a miséria e o poder estatal. Cientes de que o poder, as injustiças e a opressão não se encontram apenas de forma exterior e em determinados focos/táticas/estratégias/lutas anarco-punks são intensas as ações buscando mudanças interiores, relacionado a subjetividade, valores, quebra de preconceitos e reflexões sobre o comportamento. É comum ver em Zines artigos e letras de músicas que procuram causar efeitos internos, mudanças de atitudes etc.

A única alternativa é o enfrentamento! Resta-nos buscar a capacidade de perceber o que é prejudicial, o que fode nossas vidas e tentar combater isso, tentar não compartilhar com a máquina que tritura tudo. O mais doloroso é ter que extirpar de dentro de nós mesmos pequenas peças que fazem a máquina funcionar. Falo de valores, da forma de ser miserável, ganancioso, alienado, doentamente competitivo, injusto, egoísta, violento... que temos no nosso comportamento e expomos nas nossas relações do dia-a-dia. (INTIMO PUNK ESTRAÇALHADO, 2003, p. 01)

Milhões de Policiais Mortos

Mude sua forma de pensar
Vença o autoritarismo que manda em você
Mate o policial que existe em você

Descarga Violenta – in Emergencia: Enquanto Vidas Secam de Fome e Sede... Chove Dinheiro no Bolso dos GOVERNANTES!

Para muitos anarcopunks, um dos grandes fatores para esse comodismo é a informação produzida por grandes empresas televisivas, por exemplo, que são aliadas a interesses comerciais e políticos. O fanzine como uma rede marginal de informações subverte o monopólio das grandes mídias, pois não procura “alienar” massificar ou acomodar, mas instigar o leitor a interagir, a tomar posturas, a também expressar opiniões e não apenas consumir comodamente informações pré-fabricadas. Na segunda edição do zine CG Infos zine temos o seguinte texto intitulado de Comunicação e Alienação de Maurício, na época ainda integrante da banda CUSPE:

A televisão tem tanto poder de dominação que vem se notando que a maioria dos brasileiros não passam de alienados, sem condições de fazer críticas, ou seja, as pessoas não pensam mais, nem se quer procuram entender as situações contidas nos diferentes programas e quem ta por trás disso.(...) nunca aceite, sem antes questionar o que os meio de comunicação lhe diz.” (MAURÍCIO, 1989,s.n)

Os fanzines anarcopunks não se limitam a assuntos políticos e sociais, mas também abordavam temas como gênero e sexualidade, como o zine Libertare (200?) de João Pessoa, produzido e editado pela anarquista Mabel Dias, e o Queer de Campina Grande, produzido e editado por Lux Alt.

De acordo com o zine Queer o queer, e o punk queer, entende que as identidades de gênero, macho e fêmea, não são algo natural, mas são construídas e impostas aos indivíduos. De forma geral, o queer critica a idéia de opção ou preferência sexual, pois não há como escolher/controlar “racionalmente” algo tão rebelde como o desejo. (Lux Alt *QUEER*, s.n., 2006)

Em um dos poemas presentes no zine Incógnito encontramos o seguinte poema que contesta esses papéis:

“O que faz você ser você no âmago e no exterior?
Um braço? Uma perna? Um pênis? Uma vagina?
Quem disse que com tal órgão és superior?
E que esse comportamento te faz menino ou menina?”

O que você é? O que você pode ser!

O zine Libertare da anarquista Mabel Dias privilegia temas relacionados ao feminino e muitos de seus textos e artigos orientados por teóricas anarcofeministas visam desconstruir estereótipos preconceituosos sobre a mulher. O zine trás entrevistas, textos autorais e reflexões sobre a mulher na sociedade e na cultura punk. De acordo com a editora:

O feminismo carrega uma essência libertária, como diria a anarcofeminista, Peggy Kionegger, ‘o feminismo respira anarquismo’, a partir do momento em que se coloca contra a hierarquia o antiautoritarismo, a submissão e a busca de igualdade entre os sexos (,,,)” (LIBERTARE, 200?, S.n)

No mesmo número do mesmo zine há uma interessante entrevista com libertários punks sobre o machismo e sobre valores considerados masculinos como agressividade e violência.

Quais as dificuldades que você enfrenta em ser homem?

Zeca: Não me enquadro neste padrão social chamado Homem! Nada tenho a ver com o brucutu e sua função social.

Renato: Na sociedade que a gente vive (machista e desigual) é tão difícil para o homem quanto para a mulher quebrarem com isso. Por mais libertários que você se propõe a ser vai se deparar muitas vezes com atitudes machistas, mas acredito que a superação disso é possível quando se está atento e está aberto a autocrítica constante.”

(...)

Você já foi discriminado por ser homem? E nos homens não é mais atribuído qualidades do que defeitos?

Zeca- geralmente é esquecido ou menos lembrado as torturas do embrutecimento para com o indivíduo do sexo masculino. O brucutu não é uma opção, e sim, uma imposição cultural da sociedade fascista e tão importante quanto a mulher calada e submissa para o funcionamento dos sistemas de repressão.

Renato - Essas qualidades não são atribuídas, elas são exigidas! Enquanto outras tem que ser negadas, como sensibilidade, fraqueza. Você sempre tem que ser capaz

inteligente se você reconhece que a mulher pode ser mais que você será alvo de agressões, como já aconteceu comigo.”

(LIBERTARE, 200?,S.n)

Os comportamentos de gêneros tradicionais, como o do homem machista e da mulher submissa, são questionados por um conjunto de princípios libertários em busca de posturas e ações que respeitem de fato em igualdade e multiplicidade de gênero.

CONCLUSÃO

A proposta de nosso trabalho foi analisar as origens e os significados da palavra punk desde a época de Shakespeare até as últimas décadas do século XX, e vimos que essa palavra só veio a ter um significado positivo com os anarcopunks a partir dos fins dos anos 70, quando a cultura punk aliada ao anarquismo passa a ser entendida e praticada como algo antiautoritária e anticapitalista.

Também foi possível construir um pequeno histórico sobre a cena anarcopunk em Campina Grande-PB e em João Pessoa-PB, a partir de entrevistas e conversas com pessoas relacionadas ao punk no período citado.

Muitas dessas pessoas com que conversei hoje têm suas famílias, tem suas ocupações e muitos moram em outros estados e regiões do país como Amapá, Minas Gerais, Goiás, Rio Grande do Norte e Ceará.

Através da internet, encontros ou por meio dos antigos correios é que tive contato com pessoas influentes na cena anarcopunk nas cidades de Campina Grande-PB e João Pessoa-PB, entre fins de 1980 e início de 2000. O que pude confirmar é que muitas dessas pessoas ainda sentem os efeitos da anarquia punk, o que significa que ela está longe de ser um simples modismo ou fase da vida.

O punk orientado pelo anarquismo também é mudança e subversão interna dos sujeitos. Os princípios libertários subvertem e reorientam práticas e idéias agora fundadas nas idéias antifascistas e em favor da liberdade, excluindo práticas e valores que só favorecem ao estado de egocentrismo e competitividade da atual sociedade capitalista.

As manifestações punks no Estado não cessaram após o período analisado neste trabalho. O punk ainda continua surgindo e insurgindo por essas terras paraibanas através de bandas, como Dejetos e Aero Venena, e novas práticas, como, por exemplo, os eventos antivaquejadas e os protestos antihomofobia contra a VINACC (Visão Para a Nova Consciência Cristã sediada em Campina Grande-PB) promovidos pelos punks anarquistas em Campina Grande-PB na segunda metade dos anos 2000.

Gostaria de agradecer a todos aqueles que dispuseram e sacrificaram parte de seu tempo para disponibilizar materiais como cartazes, zines e letras e música: Jal, Pablo, Thelma, Bergson, Renato, Maurício.

Espero que este trabalho contribua para o conhecimento acadêmico, mas que também contribua de alguma forma aos simpatizantes, iniciantes e praticantes da cultura/movimento punk não apenas das cidades pesquisadas.

Acredito que na constituição desse trabalho, também acabei me reconstituindo como sujeito a partir das idéias e práticas tão faladas neste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- ALTAMAR, Lucas. **INCOGNITO: PÓS-IDENTIDADE QUEER**. Campina Grande. 2007.
- 2- AMPUDIA, Ricardo. **Odiados e Orgulhosos: Um mapa da Ação e Organização dos Grupos Skinheads no Estado do Paraná**. publicação independente, 2006) disponível em: <http://www.skinheadoi.hpg.ig.com.br/pag/pl001.html>
- 3- BASTOS, Yuriallis Fernandes. **Partidários do anarquismo, militantes da contracultura**: um estudo sobre a influência do anarquismo na produção cultural anarco-punk. *Caos – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, n. 9, set. 2005. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/caos/yuriallis.pdf>
- 4- BEY, Hakim. **TAZ – Zona Autônoma Temporária**. Tradução: Patricia Decia & Renato Resende. Disponível em < <http://www.quadrinho.com/cpq/wp-content/uploads/downloads/2010/02/Hakim-Bey-TAZ-Zona-Autonoma-Temporaria1.pdf>> acessado em: Acesso em 25 de novembro de 2010.
- 5- BIVAR, Antonio. **O que é punk?** 4ª ed. São Paulo: editora brasiliense, 1988. (Coleção primeiros passos; 76)
- 6- CAIAFA, Janice. **Movimento punk na cidade – A invasão dos bandos sub**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1985;
- 7- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994, [Tradução: Ephraim Ferreira Alves]
- 8- CHEVITARESE, L. **As “Razões” da Pós-modernidade**. Analógos. Anais da ISAF-PUC. Rio de Janeiro: Booklink (ISBN 85-88319-07-1). 2001; Disponível em: <<http://www.saude.inf.br/artigos/posmodernidade.pdf>> Acesso em: 25 de Novembro de 2010.
- 9- COELHO, Luiz Antonio. **Origem e evolução Semântica da palavra Punk in Recanto das Letras**. Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/ensaios/1957686> acessado em: 25 de novembro de 2010
- 10- DELEUZE, Gilles. **POST-SCRIPTUM SOBRE AS SOCIEDADES DE CONTROLE Conversações**: 1972-1990. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226. Tradução de Peter Pál Pelbart DISPONIVEL EM: <http://www.scribd.com/doc/20571830/GILLES-DELEUZE-POST-SCRIPTUM-SOBRE-AS-SOCIEDADES-DE-CONTROLE>
- 11- EHRLICH, Howard J. Carol Ehrlich, David De Leon, Glenda Morris (eds.), **Reinventing Anarchy: What are Anarchists thinking these days?**, Routledge & Kegan Paul, London, 1979. disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=ik9lo2muuuEC&dq=Reinventing+Anarchy&q=black+flag#v=onepage&q&f=false>

12- FERRER, Cristian. **Destruidores de Máquinas:** In Memorian. Imprensa marginal. Pag. 13. 2006. Disponível em: <<http://anarcopunk.org/biblioteca/wp-content/uploads/2009/01/os-destruidores-de-maquinas-christian-ferrer.pdf>> Acesso em 25 de novembro de 2010.

13- FONSECA, Mariano José Pereira da. **Máximas, Pensamentos e Reflexões.** MINISTÉRIO DA CULTURA Fundação Biblioteca Nacional *Departamento Nacional do Livro.* Disponível em: <http://dominiopublico.qprocura.com.br/dp/329/Maximas--Pensamentos-e-Reflexoes.html>

14- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Organização , introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado. Coletivo Sabotagem. Disponível em: <http://200.17.236.243:8080/site/grupos/projetos-de-extensao/resgate-do-fandango-e-sao-goncalo/artigos-2/Miche%20Foucault%20-%20Microfísica%20do%20Poder.pdf/view> Acessado em: 25 de novembro de 2010.

15- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres.** 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

16- HILL, Christopher. **O Mundo de Ponta-Cabeça: idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640.** Tradução, apresentação e notas Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

17- JAMESON, Frederic. **Pós-modernidade e sociedade de consumo.** Trad. Vinícius Dantas. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, n. 12, jun. 1985.

18- LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio.** Trad. Miguel Serras Pereira e Ana Luiza Farias. Disponível em: <http://letrasdownload.wordpress.com/2010/02/28/livro-a-era-do-vazio/> Acesso em 25 de novembro de 2010.

19- MARTINS, Victor Jose Lima; SERELLA, Ana Luiza Cyrillo. **Punk Rock não é só pro seu namorado.** UNISANTA- Santos/SP – 2002. Disponível em: <<http://images.bizaa.multiply.multiplycontent.com/attachment/0/RIS3ywoKCq0AADs7G6g1/PunkRockNaoEhSohProSeuNamorado.pdf?nmid=43374262>.> Acesso em: 25 de novembro de 2010.

20- McNEIL, Legs; McCAIN, Gillian. **Mate-me, por favor – Uma história sem censura do punk.** Porto Alegre: L&PM. 1997;

21- O'HARA, Craig. **A Filosofia do Punk - Mais do que barulho.** Tradução Paulo Gonçalves. São Paulo: Radical Livros, 2005.

22- OLIVEIRA, Vantiê Clinio Carvalho de. **O movimento Anarco-Punk: a identidade e a autonomia nas produções e nas vivências de uma tribo urbana juvenil.** Vantiê Clinio Carvalho de Oliveira. Natal: editor Vantiê Clinio Carvalho de Oliveira 2008.

23- PASSETI, Edson. **Um parresiaista no socialismo Libertário.** in: REVISTA Ponto e Vírgula, 4. 2008. Disponível em: http://www.pucsp.br/ponto-e-virgula/n4/artigos/pdf/4_edson_passetti.pdf Acesso em 25 de novembro de 2010.

24- SANTOS, Antonio Oliveira. **Os Fanzines contam uma História do Punk.** Rio de Janeiro: Achiamé. 2006.

25- SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno?** 22ª reimpr. da 1ª ed. de 1986. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção primeiros passos; 165)

26- SHAKESPEARE, William. **Medida por Medida.** (Measure for Measure) Edição Ridendo Castigat Mores. Setembro 2000. Versão para eBook eBooksBrasil.com Fonte Digital www.jahr.org Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/medida.html> Acesso em; 25 de Novembro de 2010.

27- SHAKESPEARE, William. **Measure for Measure.** Renascence Editions. 1999. Disponível em: <https://scholarsbank.uoregon.edu/xmlui/bitstream/handle/1794/867/measure.pdf?sequence=1> Acesso em; 25 de Novembro de 2010.

28- VEYNE, Paul. **O último Foucault e sua moral.** Tradução de “*Le dernier Foucault e sa morale*” em Critique, Paris, Vol. XLIL, n. 471-472, p. 933-941, 1985, por Wanderson Flor do Nascimento. Disponível na internet: <http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art10.pdf>

29- WOODCOCK, George. **História das idéias e movimentos anarquistas** – v.01: A Idéia; tradução de Julia Tettamanzy – Porto Alegre : L & P . 2007.

Fanzines

...A HORA DA VINGANÇA PUNK. João Pessoa, n.3, [199-].

ANARCOFEMINISMO Fortaleza. n.01. Dezembro. 2004.

C.G INFO ZINE. Campina Grande, n.3. 1989.

ÍNTIMO PUNK ESTRAÇALHADO. João Pessoa.n.8, Setembro. 2003.

LIBERTARE. João Pessoa: anarco-punk, n.6, [200-].

QUEER. Campina Grande. [s.n] 2006

Sites e Blogs

1- CARNEIRO, Silvio. **Memórias (parte II). 26 de janeiro de 2010.** A Vida é Foda Blog. [Internet]. [acesso em 25 de novembro de 2010]. Disponível em: <http://avidefoda.wordpress.com/2010/01/26/memorias-parte-ii/>

2- SOARES, Breno. **Queercore. Militância, movimento punk e peso. De fanzines obscuros a influência na cena alternativa, a história do movimento único no gueto.** 6 de agosto de 2006. Revista O Grito Blog. [Internet]: [acesso em 25 de novembro de 2010]. Disponível em: <http://www.revistaogrito.com/page/blog/2007/08/06/queercore/>

3- KIELWAGEM, J.K. **O Valor da Diversidade**. 11 ed. Junho de 2008. Revista da Cultura Blog: [Internet]. [acesso em 25 de novembro de 2010]. Disponível em: <http://www.revistadacultura.com.br:8090/revista/rc11/index2.asp?page=comportament>
o

4- NASCIMENTO, Rogério do. **Anarco punk no Nordeste**. Arte e Anarquia Blog [Internet]. [acesso em 25 de novembro de 2010]. Disponível em: http://www.arteeanarquia.xpg.com.br/anarcopunk_no_nordeste.htm

5- VIRIATO. **Os filósofos cínicos foram os primeiros dissidentes libertários**. 6 de março de 2005. Pimenta Negra Blog.]. [acesso em 25 de novembro de 2010]. Disponível em: <http://pimentanegra.blogspot.com/2005/05/os-filsofos-cnicos-foram-os-primeiros.html>

Fita cassete

C.U.S.P.E. Autogestão. Campina Grande: 1999, 1 fita cassete (60 min).

C.U.S.P.E. Nossa Luta. Campina Grande: 1989, 1 fita cassete (60 min).

DIARRHEA. Repressão Demo ensaio. 1990. Fita Cassete (60 min).

Discos.

SEX PISTOLS. Nevermind The Bolloks: 1977. Virgin Records.

CRASS. *The Feeding of the 5000*. 1978. Crass Records

EMERGÊNCIA. Enquanto vidas secam de fome e sede... chove dinheiro no bolso dos governante. 1999. Boas Novas Records.

DISCARGA VIOLENTA. Cosmopolita. 1992.

_____. *Barbárie*. 2007.

OLHO SECO. Botas, Fuzis e Capacetes. 1983. Independente.

BRIGADA N.S. O Retorno da Velha Ordem. 1997.

Mensagens:

MAIA, Renato. **Anarquistas e Punks** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por jrpb_pb@yahoo.com.br em 26 out. 2010.

MAIA, Renato. **A historinha da Descarga Violenta** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por jrpb_pb@yahoo.com.br em 12 nov. 2010.

MAIA, Renato. **Okupação e Resistência** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por jrpb_pb@yahoo.com.br em 17 nov. 2010.

MAIA, Renato. **Coletivo Arte e Luta** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por jrpb_pb@yahoo.com.br em 12 nov. 2010)

ANEXO A - FOTOS

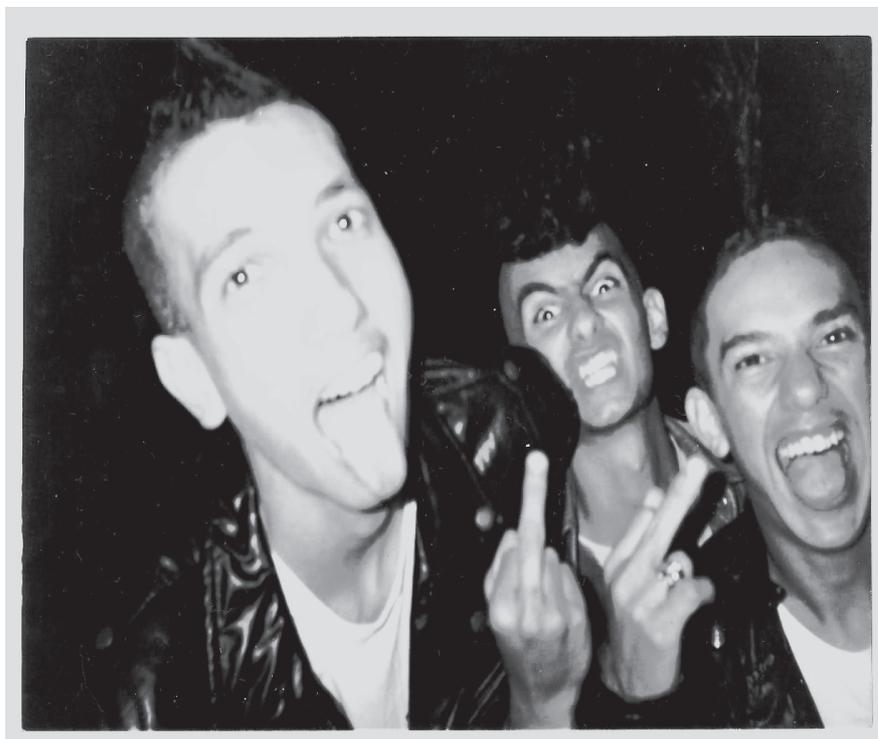


FIG.01: C.U.S.P.E – Maurício, Derek e Júnior Torto. Campina Grande-PB (1989)

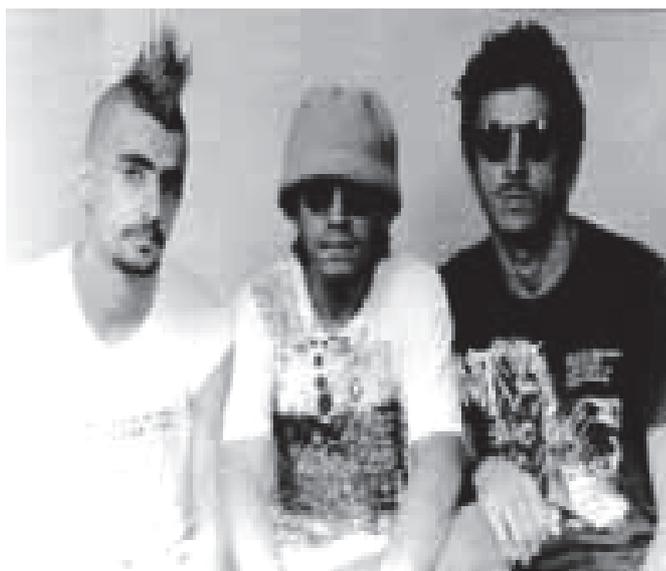


FIG.02: Discarga Violenta – Derek, ? e Renato Maia. (199?)

ANEXO B- FANZINES PUNKS



FIG.03: Re-Animator- Fanzine Punk e Metal editado por Bergson. João Pessoa-PB. (1987)



FIG.04: Zine Nossa Luta!- Editado pela banda C.U.S.P.E. Campina Grande-PB. (1989)

ANEXO C - FOTOS



FIG.05: Movimento Anarco Punk (MAP) 8 de Março Dia da Mulher. João Pessoa-PB (1992)